

---

# Novas investigações no santuário de Endovélico (S. Miguel da Mota, Alandroal): a campanha de 2002

AMÍLCAR GUERRA\*  
THOMAS SCHATTNER\*\*  
CARLOS FABIÃO\*\*\*  
RUI ALMEIDA

## R E S U M O

O sítio de S. Miguel da Mota, Alandroal, está de há longa data associado a Endovélico, uma divindade indígena cultuada sob o domínio romano, admitindo-se que ali se localizaria o seu santuário. O abundante acervo epigráfico e escultórico aí recolhido por Leite de Vasconcellos, em 1890, tem dado origem a diversos textos. Contudo, nunca se realizaram no local intervenções, que permitissem contextualizar o culto. Os signatários iniciaram, em 2002, um projecto de investigação que visa responder a esta interrogação.

Procurou-se, neste primeiro ano de trabalho, realizar as seguintes acções: levantamento topográfico da zona, prospecção sistemática da área e sondagens no local onde se ergueu a ermida de S. Miguel da Mota, que tinha reaproveitado inúmeros elementos do antigo santuário.

As prospecções permitiram identificar vários elementos arquitectónicos indicadores de antigas construções que usaram silharia de granito e elementos de mármore, ambos geologicamente estranhos ao local, sobretudo reutilizados nas construções recentes que ali se encontram, bem como uma área de particular concentração de vestígios de época romana, a encosta Este do serro onde se erguia a ermida. Uma recolha sistemática de materiais permitiu concluir que não subsistem vestígios de ocupações pré-romanas e que a utilização de época romana parece circunscrever-se ao período compreendido entre o século I e os inícios do III d.C.

As sondagens realizadas na área da ermida revelaram que a intervenção de Vasconcellos em 1890 tinha sido de facto profunda, afectando praticamente toda a sua estrutura, até aos alicerces. Foi possível esclarecer que não existe qualquer templo romano sob esta construção, embora se tenham encontrado indícios aparentemente anteriores à fase moderna da ermida, particularmente sepulturas de inumação, estruturadas com lajes de xisto e orientadas E-W. Fora de contexto, foram recolhidos materiais de fase tardo-romana, duas moe-

das do século IV, um fundo de ânfora lusitana tardia, um fragmento de *sigillata clara D* e uma lucerna *Atlante X*. Estes materiais de cronologia avançada contrastam com os recolhidos nas prospecções da encosta nascente.

No decurso das sondagens foi possível recolher um notável e variado conjunto escultórico, que se encontrava sepultado sob as estruturas da ermida, bem como três novas aras consagradas a Endovéllico.

Finalmente, procedemos a prospecções geofísicas na encosta nascente que revelaram um conjunto de estruturas soterradas que parece indicar a existência de um “santuário de terraços”. Assim, o santuário de Endovéllico terá sido uma construção monumental de plano clássico, edificada em época romana, que será investigado em futuras campanhas.

A B S T R A C T S. Miguel da Mota's site was related to pre-Roman deity Endovellicus, worshipped in Roman times in that place, where we thought its sanctuary was built. The great amount of inscriptions and sculptures brought to the Museu Nacional de Arqueologia, in Lisbon, by J. Leite de Vasconcellos in 1890 permitted many studies on the subject. But, despite all those studies, no archaeological works have been done to put in context all that evidence. We designed an archaeological project in 2002 to fulfill the Project were: sketch the topographical plan of the site; surveying the area; and opening of some trenches at the place we thought S. Miguel da Mota's chapel was built. We also knew from Vasconcellos's works that the Christian temple reused many inscriptions and sculptures from the ancient Roman sanctuary. In the survey we have found many granite and marble building elements, geological raw materials from other places, reused in the modern farm constructions. We also found a great amount of Roman ceramic sherds in the East area of the hill where the Christian temple was built. A systematic collection of that evidence shows no signs of pre-Roman occupation, but an important Roman occupation dated from First to the beginning of the Third centuries AD. The trenches in the area of the Christian temple revealed the deep work undertaken by Leite de Vasconcellos in 1890. Actually he had destroyed S. Miguel da Mota's chapel until its foundations, to collect the inscriptions and sculptures embedded in their walls. It was clear that no Roman temple exists beneath the Christian church, but we have found evidence prior to the Modern Christian temple: inhumation graves oriented E-W. Out of primitive context we have found some late Roman artefacts: two IV Th Century coins, the spike of a Lusitanian late Roman amphora, one sherd of *African Red slip D* and an *Atlante's X* lamp. The chronologies of all are very different from that of the artefacts found in the East area of the hill. In the excavations we have found a remarkable group of Roman sculptures, buried beneath the Christian church's pavement and naturally out of context. We have also found three new Endovellicus' votive inscriptions. Finally we undertook geophysical prospecting in the East area of the hill. We have found signs of buried buildings that suggest the existence of a Sanctuary of Terraces, a well known model from Roman republican period in the Lazio area, but also known in Munigua, in South Spain, where a similar sanctuary was built in Imperial times. So, Endovellicus' sanctuary should have been a monumental structure, with a Roman classical plan that we want to investigate in further archaeological campaigns.

## Introdução

O sítio de S. Miguel da Mota, concelho de Alandroal, emblematicamente associado ao santuário da divindade indígena Endovélico, cultuada em época romana, está classificado como imóvel de interesse público pelo Decreto 67/97, de 31 de Dezembro (Diário da República, n.º 301). Localiza-se na parte mais elevada de uma longa crista rochosa, a noroeste da vila de Terena, no concelho de Alandroal, distrito de Évora (C.M.P. 1: 25 000, folha 451 - Coordenadas de um ponto central : **Lat:** 38° 38' 37" e **Long.:** 7° 26' 30") (Fig. 1).

Apesar das múltiplas páginas que, desde os fins do século XIX, para não recuarmos mais, têm sido consagradas ao local e ao abundante espólio recolhido por José Leite de Vasconcellos, falta ainda uma efectiva contextualização do culto. Isto é, praticamente toda a informação que tem sido mobilizada é a que advém da leitura do significativo lote de epígrafes e da observação e interpretação dos elementos escultóricos, sendo totalmente ignorada a forma e implantação do santuário propriamente dito, bem como as condições concretas em que se dispunham os numerosos ex-votos ali existentes. Esta carência foi, uma vez mais, sublinhada pela importante exposição promovida pelo Museu Nacional de Arqueologia que, realizando o ponto da situação sobre “*as religiões da Lusitânia*”,

com particular relevo para Endovélico, cuja hipotética face (LIMC) constitui o *ex-libris* do evento (Ribeiro, 2002). A consciência havida de que faltava esse importante elemento contextual fez nascer o projecto arqueológico de S. Miguel da Mota.

O projecto resulta do esforço conjunto da Unidade de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, representada por Amílcar Guerra e Carlos Fabião, e da Delegação de Madrid do Instituto Arqueológico Alemão, representada por Thomas Schattner, que conjuntamente o dirigem. A associação de ambas entidades foi considerada a melhor forma de reunir os meios necessários e as competências específicas para o bom desenvolvimento do mesmo. O facto de praticamente se não ter trabalhado no local desde os princípios do século XX, quando José

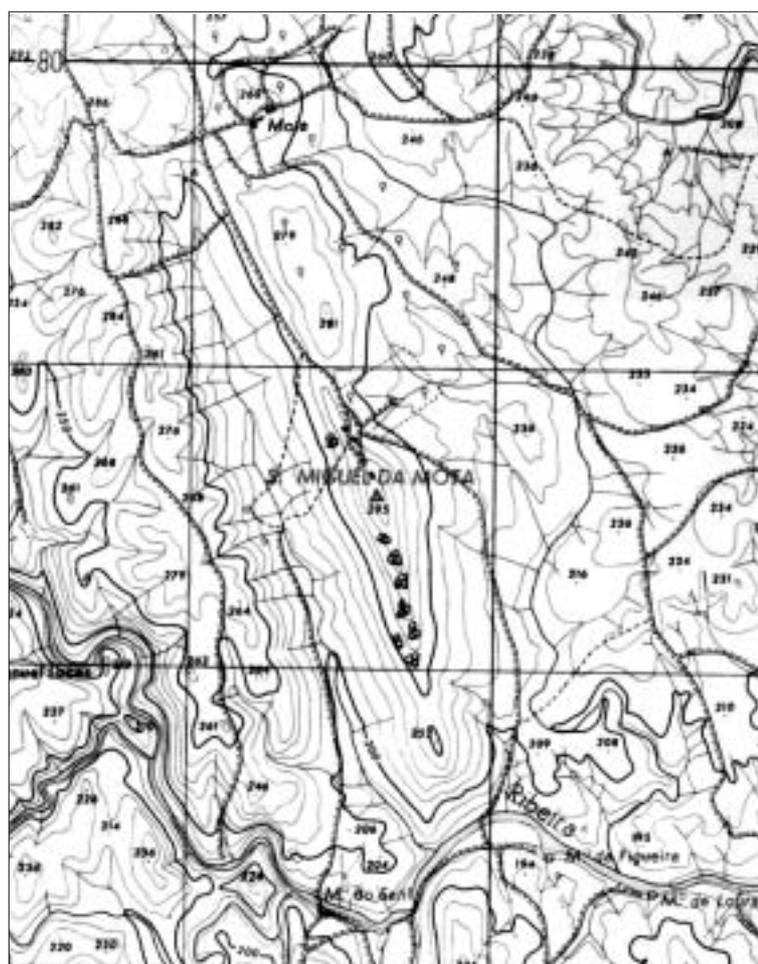


Fig. 1 Pormenor da Carta militar de Portugal, folha 451.

Leite de Vasconcellos ali fez as últimas intervenções, na sequência do desmantelamento das ruínas da ermida de S. Miguel, que empreendeu em 1890, colocava diversas questões práticas que se afigurava importante esclarecer previamente. Por esta razão, em lugar de avançarmos imediatamente com um programa de intervenção plurianual, propusemos ao IPA a realização de um conjunto de intervenções preliminares, que poderiam orientar o desenho de um programa de maior fôlego. Para além das referências do fundador do Museu Etnológico, dispúnhamos, ainda, das informações publicadas, resultantes das recentes prospecções ali efectuadas por Manuel Calado (1993, p. 61).

No quadro dos objectivos genéricos, de procurar orientações para uma efectiva contextualização do culto de Endovéllico, desenharam-se várias etapas de intervenção, devidamente faseadas. Em primeiro lugar, visar a delimitação da área de interesse arqueológico para, deste modo, orientar as acções de intervenção no subsolo. Esta tarefa foi considerada prévia a todas as outras, pelo que nos ocupou uma parte da presente campanha. Basicamente, o que se pretendia era determinar a área (ou áreas) de culto, ou com ele associada(s), consubstanciada na identificação de elementos arqueológicos dispersos à superfície; definir, tanto quanto possível, o seu âmbito cronológico, com base em informação diferente da proporcionada pelas características intrínsecas das epígrafes ou da estatuária; averiguar se existe, entre os materiais arqueológicos identificados, algum elemento que permita esclarecer a diacronia das práticas cultuais e, sobretudo se efectivamente há elementos que permitam supor que um primitivo local de culto, pré-romano, existiu no cerro de S. Miguel da Mota. Finalmente, como não poderia deixar de ser, em face das ideias dominantes sobre o sítio, determinar se a ermida se sobrepunha a alguma estrutura de carácter religioso mais antiga: ou ao templo romano, como sugeria Gabriel Pereira (Pereira, 1889, p. 145-146), ou a uma estrutura mais recente, que marcasse o processo de cristianização do local de culto, que a presença de alguns elementos iconográficos parece sugerir (Correia, 1928, p. 377; Almeida, 1962, p. 119-121; Real, 1995, p. 45).

Como estamos a trabalhar num local onde existiram já várias intervenções, a saber, demolição da ermida para recuperar epígrafes e elementos escultóricos, empreendida por José Leite de Vasconcellos, em 1890 (Vasconcellos, [1890] 1938, p. 197-206; 1905, p. 111 e ss. e 1916, p. 153-154 e 174-175), novas pesquisas empreendidas pelo mesmo em 1904 e 1907 (Vasconcellos, 1913, p. 196, 1915, p. 326-329, 1916, p. 153-154 e 174-175), entre outras menores, cujos contornos não foram esclarecidos nas sucintas páginas que sobre elas se publicaram, impunha-se igualmente uma reavaliação de toda a informação já recolhida, com especial atenção à depositada no Museu Nacional de Arqueologia. Este processo de reavaliação dos espólios recolhidos nos trabalhos em S. Miguel da Mota terá em consideração também a escultura e a epigrafia, mas procurará tratar sobretudo o restante espólio arqueológico de lá trazido, supõe-se que para o Museu Nacional de Arqueologia, mas nunca efectivamente publicado — Vasconcellos falou de “(...) *algumas moedas, e de uns fragmentos de vidro e de barro (...)*” (Vasconcellos, [1890] 1938, p. 201) ou de “(...) *objectos de barro e de vidro e moedas romanas do sec. IV (...)*” (Vasconcellos, 1905, p. 122) —, bem como da documentação manuscrita relacionada com estes trabalhos, que se conservará (supomos) nos espólios legados pelo Autor a diversas instituições públicas, Museu Nacional de Arqueologia, Biblioteca Nacional e Faculdade de Letras de Lisboa, sendo o núcleo do Museu aquele que mais possibilidades tem de albergar essa documentação. De facto, por diversas vezes foi prometida a publicação de “(...) *uma monographia circunstanciada sobre o assunto*” (Vasconcellos, 1905, p. 112) e de um estudo detalhado sobre as intervenções de 1907 (Vasconcellos, 1913, p. 196), que nunca se concretizaram. Assinale-se que o próprio Leite de Vasconcellos escreveu que “*As minhas pastas e gavetas abundam de apontamentos e notas que respeitam à his-*

*toria do Alandroal (...)*” (Vasconcellos, 1916, p. 154), por tudo isto, é de supor que a pesquisa documental venha a ser frutuosa.

Em traços gerais, é este o programa do projecto de investigação de S. Miguel da Mota. Para o primeiro ano, que considerámos de exploração preliminar, tínhamos projectado iniciar as pesquisas no Museu Nacional de Arqueologia, em busca dos espólios nunca publicados e dos documentos constantes do legado do seu fundador, e, no terreno, desenvolver trabalhos que visavam três objectivos distintos:

- Levantamento topográfico do serro de S. Miguel da Mota, tarefa preliminar a todas as acções a desenvolver no terreno;
- Prospecção sistemática da área, com vista à determinação das zonas de dispersão de indícios de antigas ocupações, com especial incidência nas encostas da crista sobre a qual se ergueu a ermida de S. Miguel;
- Realização de breves sondagens na plataforma onde esta teria existido (nada era perceptível no terreno), visando esclarecer se existiria, de facto, a sobreposição física da mesma relativamente ao templo romano ou a outra qualquer estrutura cultural cristã, mais antiga, como se tem pretendido, e determinar a natureza das intervenções ali feitas por Leite de Vasconcellos.

A equipa de trabalho foi constituída por Amílcar Guerra, Thomas Schattner e Carlos Fabião que são, igualmente, os promotores do projecto de investigação. O arqueólogo Rui Almeida assegurou as tarefas de coordenação de campo, auxiliado nas últimas semanas de trabalho por Teresa Laço. Rainer Komp ocupou-se do levantamento topográfico e Monica Perkovic da fotografia, excepto nas últimas duas semanas. Participaram igualmente nos trabalhos Joana Tsometsidou e Astrid Puckett estudantes de Arqueologia Clássica da Universidade de Giessen e três trabalhadores locais contratados.

O Instituto Português de Arqueologia, a Delegação de Madrid do Instituto Arqueológico Alemão e a Câmara Municipal do Alandroal forneceram os meios necessários à realização dos trabalhos. Estamos gratos, igualmente, à Junta de Freguesia de Terena, que nos proporcionou um espaço de trabalho para limpeza e tratamento de materiais, bem como à Sr<sup>a</sup> D. Genoveva Belo, proprietária do terreno, por amavelmente nos ter autorizado a proceder às prospecções e sondagens.

Os trabalhos de campo, levantamento topográfico, prospecções e escavações decorreram de 30 de Setembro a 1 de Novembro de 2002 e as propeções geofísicas de 15 a 19 de Fevereiro de 2003.

Mesmo antes da realização dos trabalhos assumimos a incumbência de proceder com a maior celeridade possível à divulgação preliminar dos seus resultados. Estávamos conscientes da expectativa criada por esta primeira intervenção e, por isso mesmo, sentiamo-nos na obrigação de o fazer. A qualidade da informação obtida só veio reforçar esta ideia. O que se segue constitui, pois, uma relação preliminar de dados, apresentada mesmo antes da maior parte dos materiais ter sido submetida às necessárias limpezas. Assim, deverá ser entendido mais como um *relatório de progresso* do projecto de investigação, do que propriamente um *relatório final*.

## 1. Objectivos, estratégias e metodologia da intervenção de 2002

Como já se referiu, em função dos objectivos predefinidos, enfrentávamos três grandes tarefas:

- Em primeiro lugar, o levantamento topográfico da crista sobre a qual se ergueu a ermida de S. Miguel da Mota;
- Uma prospecção faseada da área, com registo das zonas de concentração de vestígios arqueológicos;
- A realização de sondagens na plataforma onde presumivelmente teria existido a ermida de S. Miguel.

As prospecções destinavam-se a obter a desejada informação que nortearia todas as futuras intervenções no local. A primeira questão para a qual desejávamos obter resposta era a de saber quais as áreas abrangidas pela dispersão de vestígios de antigas ocupações e qual a sua natureza; seguidamente, interessava apurar a cronologia das mesmas, facto importante para um cabal esclarecimento sobre a eventual existência de uma ocupação pré-romana, bem como utilizações pós-romanas; finalmente, registar a dispersão dos elementos geológicos estranhos ao local e potencialmente indicadores da existência de estruturas monumentais, designadamente templos.

Optámos por realizar várias batidas de campo com um carácter sistemático em toda a crista e encostas. Essa primeira abordagem permitiu confirmar as observações já publicadas por Manuel Calado de que a área de concentração de vestígios era a encosta Este (Calado, 1993, p. 61), justamente aquela onde se observavam as descontinuidades topográficas que sugeriam a presença de estruturas soterradas, primitivamente interpretadas por Leite de Vasconcellos como um suposto amuralhado castrejo, refira-se que esta interpretação “sobrevive” no processo de classificação do local como Imóvel de Interesse Público, mas não foi confirmada pelos nossos trabalhos, como haverá oportunidade de comentar.



Fig. 2 Aspecto do serro de S. Miguel da Mota a partir de NE.



Fig. 3 O topo do serro de S. Miguel da Mota a partir de sul.

Uma vez identificada esta área, foi a mesma percorrida em transectos, de orientação Norte-Sul com recolha sistemática e contagem de elementos arqueológicos, por categorias tendo-se utilizado as descontinuidades topográficas visíveis no terreno para delimitar áreas. Esta tarefa foi facilitada pela existência de um olival na base do serro que, por estar limpo, facilitava a visibilidade do terreno, constituindo ainda um precioso auxiliar de orientação para cada transecto (Fig. 2). Já a plataforma superior foi insuficientemente reconhecida, porque o abundante mato arbustivo ali existente tornava quase nula a visibilidade no terreno (Figs. 2 e 3).

## 2. A intervenção

Pela intervenção se ter dividido em três grandes áreas de acção, optámos por tratar detalhadamente cada uma delas.

### 2.1. O levantamento topográfico

Para o levantamento topográfico da área em questão delimitou-se a zona correspondente da Carta militar de Portugal (1: 25 000), elaborando, a partir dela, um mapa com uma escala de aproximadamente 1:5000 (Fig. 4). Este mapa serviu de base para a inserção das estruturas visíveis no terreno tais como: o caminho de acesso, os casais agrícolas, com os respectivos currais para os animais, e também a área da escavação (Figs. 4 e 5). Estes trabalhos foram realizados com recurso a uma estação total (Leica T 1100). Além disso foram introduzidos na cartografia os lei-

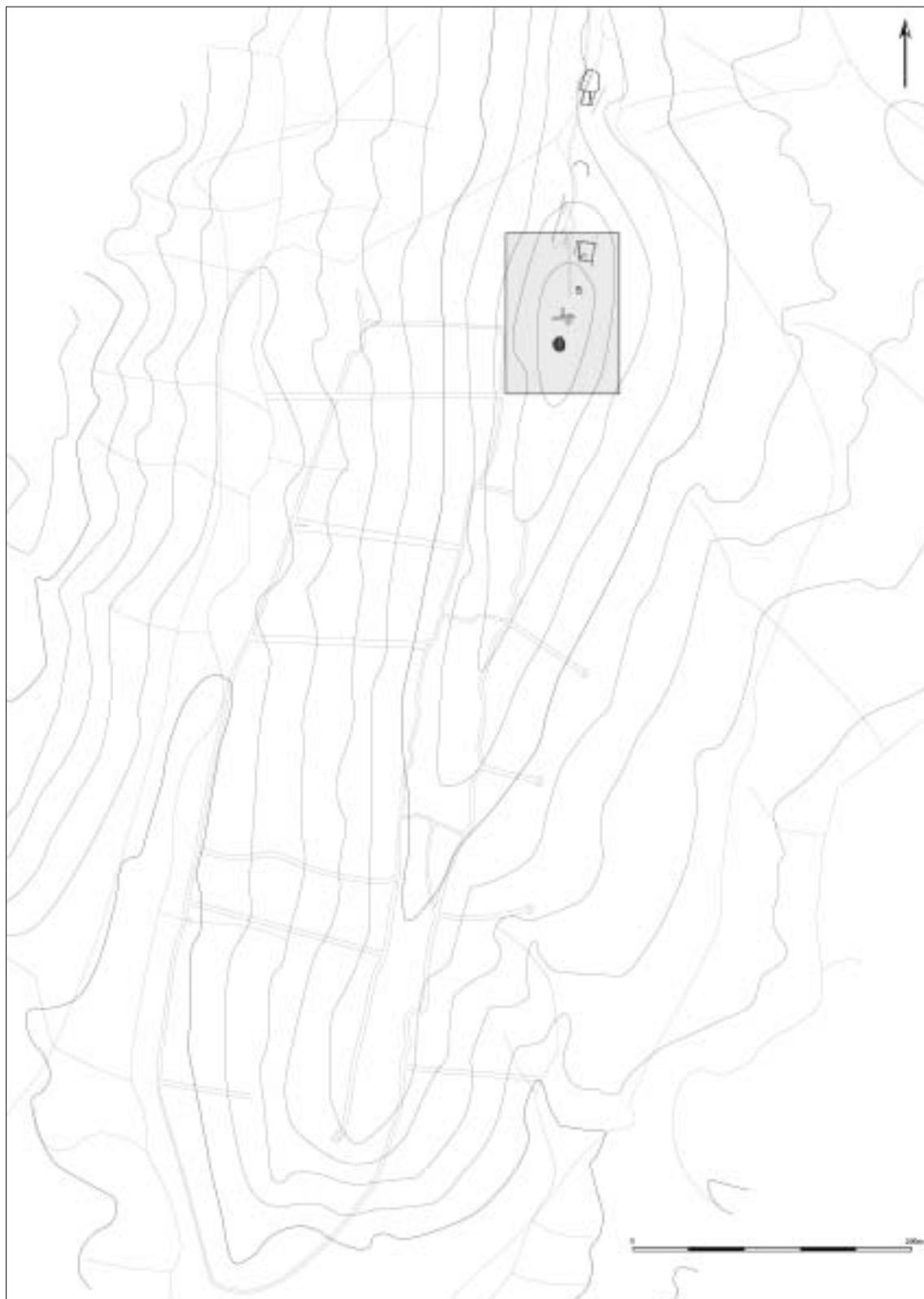


Fig. 4 Levantamento da área de S. Miguel da Mota, à escala de 1:5000.

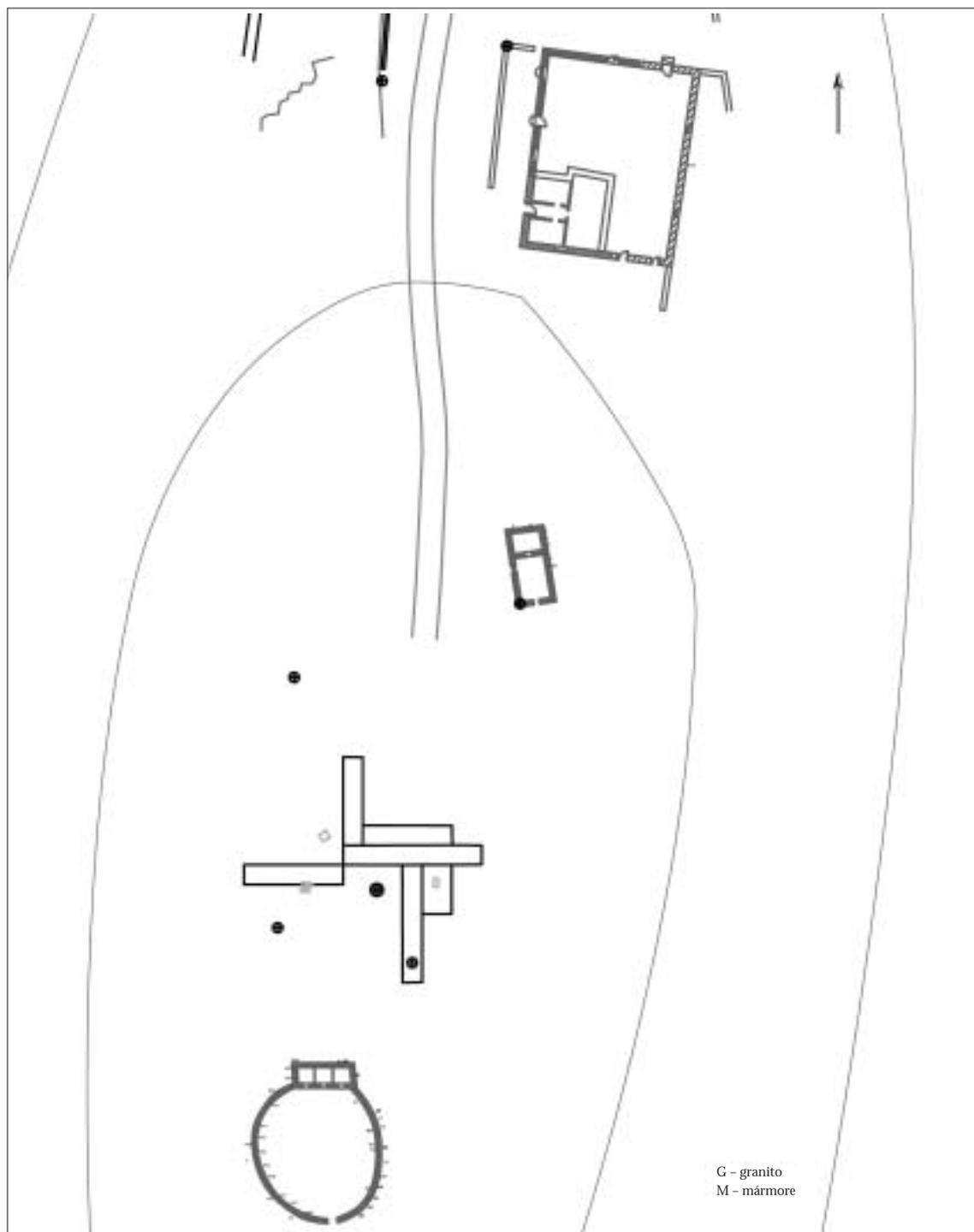


Fig. 5 Pormenor do levantamento com registo dos materiais reaproveitados nas modernas construções.

tos dos riachos que drenam o monte de S. Miguel da Mota, e os corta-fogos, recentemente rasgados. O método utilizado para a implantação das diversas realidades observadas foi o GPS, apesar de implicar alguma margem de erro, não significativa, atendendo às escalas utilizadas (Fig. 4). O trabalho topográfico foi acompanhado de uma prospeção arqueológica no terreno, nomeadamente nos corta-fogos.

## 2.2. As prospeções

As tarefas de prospeção podem ser divididas em três grandes fases: uma primeira de largo alcance que abrangeu toda a área da extensa crista sobre a qual se ergueu no passado a ermida de S. Miguel da Mota, as suas encostas e outras áreas envolventes. Tratava-se, sobretudo, de verificar e confirmar as informações transmitidas por Manuel Calado na *Carta Arqueológica do Alandroal* (Calado, 1993, p. 61). De facto, este nosso colega realizara já importantes observações no local, concluindo que era na encosta Nascente que se concentravam os indicadores de antigas presenças humanas, expressos na existência de descontinuidades no terreno, presumivelmente correspondentes a outras tantas áreas construídas, e materiais arqueológicos de época romana (Calado, 1993, p. 61). As nossas observações comprovaram plenamente estas informações. Tal como Manuel Calado, também não conseguimos identificar qualquer indício da suposta necrópole de cistas, referida por Leite de Vasconcellos — sublinhe-se que o fundador do Museu Etnológico não chegou a ver a dita cista que ali teria aparecido, “(...) ao meio da encosta (...) do lado do Poente, a distância de uns 600 metros do monte (...)” (Vasconcellos, 1916, p. 174), tendo recebido somente uma descrição da dita e os “(...) dois vasilhos de barro (...) de tipo prehistorico(...)” (Vasconcellos, 1916, p. 174) que ela continha. Assinale-se, porém, que a distância mencionada nos parece manifestamente exagerada e, infelizmente, não há registo da entrada destes recipientes cerâmicos no Museu Nacional de Arqueologia — não temos dúvidas de que as peças para aqui foram trazidas, tal como Vasconcellos escreveu, mas a ausência de um registo de entrada específico para as mesmas torna extremamente difícil o processo da sua localização nos fundos da instituição.

Nas construções existentes em toda a crista, a saber, um estábulo a norte, do lado esquerdo do caminho que conduz à elevação, o *monte*, propriamente dito, um pequeno curral todos do



Fig. 6 Bloco de mármore reaproveitado no monte.

mesmo lado do caminho, e um outro curral, de maior dimensão, já a sul do marco geodésico (Fig. 5), foi possível observar a existência de diversos elementos antigos reaproveitados, designadamente, placas e fragmentos de mármore (Fig. 6) e blocos de granito, paralelepípedicos, que corresponderiam a silhares (Fig. 7). Todos estes elementos, por serem geologicamente estranhos à elevação, foram registados e cartografados, embora se encontrassem em contexto secundário (Fig. 5). Digamos que o aspecto mais interessante desta pesquisa consistiu na identificação de que por ali terá existido alguma construção (ou construções) que usou silharia granítica e, provavelmente, revestimentos marmóreos.

Estas observações permitiram ainda a identificação do que parece ter sido um antigo caminho de acesso ao topo da crista, de orientação norte-sul, paralelo ao actual, mas num plano inferior (Fig. 5). Pelo que conhecemos da implantação da antiga ermida de S. Miguel e pelas condições gerais de acesso ao topo da crista, não será de excluir a possibilidade de se tratar do antigo caminho que conduzia ao templo cristão (desembocaria em frente à porta de entrada), eventualmente sobreposto a uma via mais antiga. Contudo, esta última hipótese suscita-nos alguma reserva, uma vez que o caminho se localiza na encosta poente da crista, para onde o templo de S. Miguel tinha a sua porta voltada, enquanto que os materiais romanos se concentram sobretudo na encosta nascente.

A encosta nascente, por ser aquela onde se concentravam os materiais de época romana, mereceu uma atenção de outro tipo. Desde logo, as descontinuidades topográficas observadas, constituídas por socalcos longos de orientação norte-sul, definindo plataformas, permitiam o estabelecimento de distintas zonas, merecedoras de prospecções com um carácter mais sistemático. Optámos por defini-las como diferentes zonas e, dentro de cada uma delas, a realizar uma batida sistemática de terreno, por transectos, com recolha integral de materiais e respectiva quantificação (Figs. 2 e 8 e Tabela).

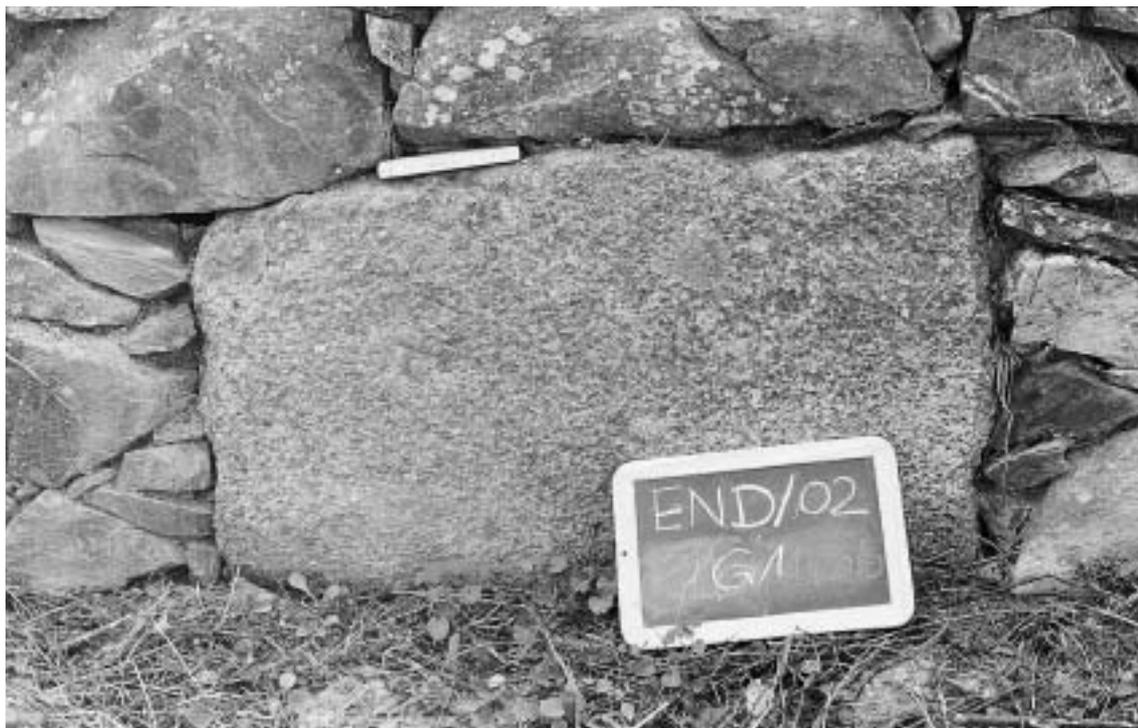


Fig. 7 Silhar de granito reutilizado no curral sul.

Toda a crista de S. Miguel da Mota foi alvo de uma prospecção sistemática. Esta tarefa afigurava-se particularmente difícil, devido à vegetação densa de giestas e árvores que o cobrem. Foi possível levá-la a cabo graças aos corta-fogos, abertos há pouco tempo. As máquinas traçaram longas clareiras de entre 7 a 10 metros, rasgando a terra, de modo que a prospecção nessas áreas, muito numerosas, pode considerar-se como indicador fiável de eventuais presenças humanas (Fig. 4). O resultado da prospecção foi absolutamente nulo, isto é, não se encontrou um único artefacto ou qualquer outro indicador da existência de sítios arqueológicos. Contrastante com este panorama geral, a encosta nascente apresentava uma densidade extraordinária de fragmentos de cerâmica, associados às já mencionadas descontinuidades de terreno.

Nesta encosta nascente, distinguimos três zonas claramente diferenciáveis pela orografia do terreno. Atribuímo-lhes as designações de áreas A, B e C, em conformidade com a sua posição na encosta (Fig. 8). Considerámos ainda uma área D, voltada a poente, onde também se podia observar a presença esporádica de materiais arqueológicos embora fosse evidente que se tratava

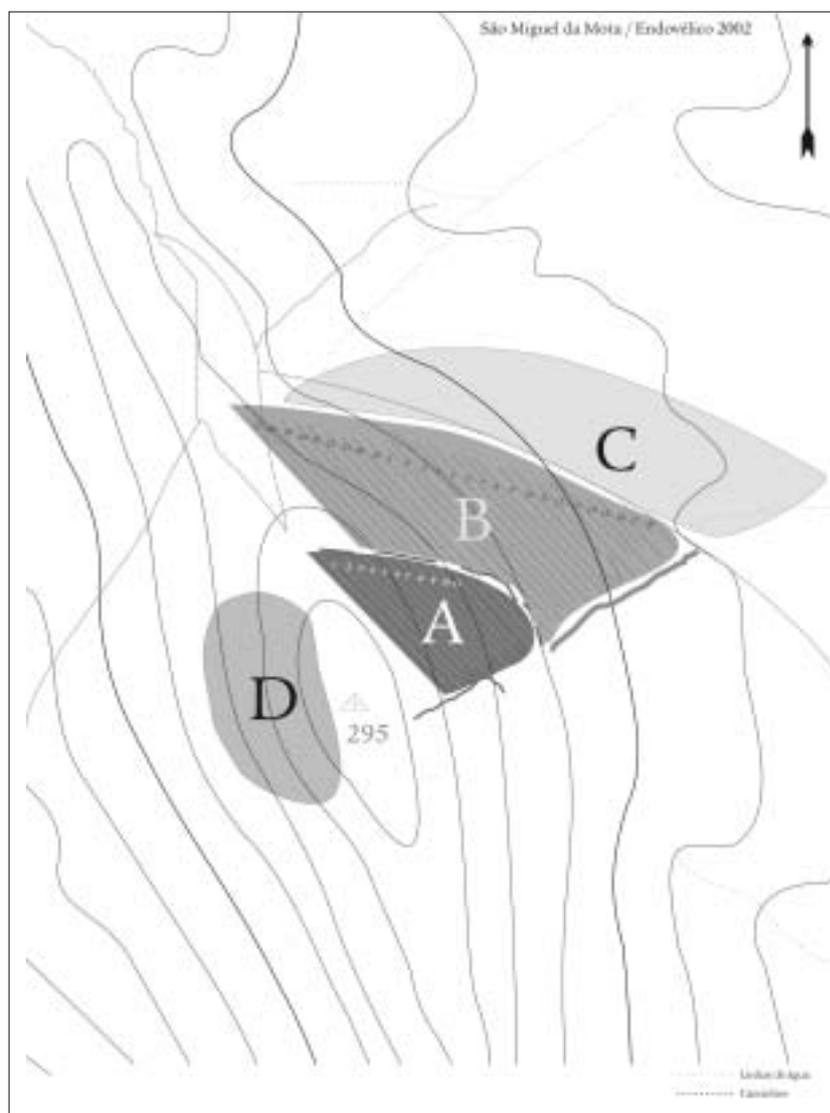


Fig. 8 Áreas de prospecção do serro de S. Miguel da Mota.

de uma área de interesse menor. Julgámos útil considerá-la, na quantificação dos fragmentos cerâmicos, em igualdade com as outras, justamente para sublinhar essa diferença.

A área A encontra-se mais próxima do topo da crista, junto da plataforma onde se teria implantado a ermida de S. Miguel, e tem a superfície mais pequena. A B é bastante maior e situa-se a meia encosta, estendendo-se praticamente até ao seu sopé. Finalmente, a C localiza-se no fundo do vale, já em zona plana. Pela densa vegetação arbustiva ali existente, ficou excluída a área imediatamente abaixo do topo da crista, isto é, a mais próxima do local onde realizámos as sondagens.

A área A está separada da B por um muro de socalco, hoje em parte derrubado, construído com blocos simplesmente desbastados e empilhados, sem recurso a qualquer argamassa. Esta estrutura foi retendo as terras, formando deste modo uma plataforma, a área A, com um desnível de mais de dois metros relativamente à zona que definimos como área B. As áreas B e C estão separadas por um caminho de uso moderno, com direcção noroeste-sudeste, que conduz à vizinha povoação de Terena (o caminho está representado nas Figs. 2 e 4).

Trata-se de terrenos de uso agrícola, plantados com olival (Fig. 2). Como é característico neste tipo de cultura, as árvores dispõem-se de forma regular seguindo um sistema ortogonal, orientado, neste caso, em direcção noroeste-sudeste. Uma vez que a área a prospectar estava assim aproveitada, resolvemos servir-nos das fiadas de oliveiras como guias para os transectos. Assim, tanto em A como em B, os corredores entre linhas de árvores foram denominados com números, obtendo-se de este modo uma notação clara e expedita de proveniência para os materiais recolhidos (A1-A11, e B1-B27). Pela exiguidade do material encontrado na área C, prescindimos desta numeração, até porque o material se encontrava concentrado maioritariamente na berma do caminho, provavelmente por acção de limpeza dos terrenos promovida por quem os explorou ou explora (Fig. 8).

A prospecção foi levada a cabo durante apenas uma semana e contou com a participação de quatro/cinco pessoas. Devido às condições atmosféricas da época, o mês de Outubro, e depois das primeiras chuvas outonais, a terra estava coberta de vegetação recente o que dificultou de algum modo a recolha. No entanto, pensamos ter obtido uma imagem suficientemente expressiva da dispersão do material.

### *2.2.1. Classificação do material*

Para a apresentação dos resultados da prospecção optou-se pela indicação das quantidades de materiais recolhidos, classificando-os conforme se pode ver na tabela. Não se estabeleceu nenhum critério de limitação de tamanho ou estado de conservação para a recolha dos fragmentos, nem se excluíram os materiais de aparência mais recente ou claramente modernos, ou seja, guardou e contou-se tudo. Mas, justamente por esta razão, os números relativos a materiais de construção são mais fiáveis para aferir as presenças de época romana, do que os relativos ao das outras cerâmicas, que apresentam valores ligeiramente inflacionados pela contabilidade de fragmentos não-romanos.

Distinguiram-se dois grandes grupos de materiais:

1. Cerâmica de construção,
2. Outras cerâmicas.

O primeiro grupo, por sua vez, foi subdividido em: *tegulae*, *imbrices*, tijolos e indefinidos.

O segundo grupo, outras cerâmicas, foi subdividido em ânforas, pela particular expressão que esta categoria de material apresentava, e outros vasos; naturalmente, sendo considerada também a natureza do fragmento (asas, bordos, fundos e indiferenciados). Todas as cerâmicas inequivocamente modernas, designadamente fragmentos vidrados, foram contabilizadas na categoria dos indiferenciados, independentemente de se tratar de um fragmento de bordo, asa ou fundo.

Tabela: dados e números																
ÁREA	CERÂMICA DE CONSTRUÇÃO					OUTRAS CERÂMICAS								TOTAIS		
	Tg	Ibrx	Tijolo	indef.	total	Ânforas			Outras					total	constr.	outras
						asa	brd	fund	total	asa	brd	fund	indef.	total		
A1	17	27	13	65	122	1	2		3	2	2		72	76	122	79
A2	10	6	18	46	80	2			2				19	19	80	21
A3	5	10	20	15	50	1	2		3		2		18	20	50	23
A4	8	50		132	190		2		2	5	1	2	66	74	190	76
A5	8	28	44	69	149		1		1	3	1		54	58	149	59
A6	3	62	48	232	345		6		6	4	1	8	106	119	345	119
A7	22	130	104	320	576	3	7	1	11	9	1	13	185	208	576	217
A8	18	80	85	262	445	3	6	1	10	2	1	7	149	159	445	169
A9	17	62	34	109	222	4	3		7	1	3		136	140	222	147
A10	37	30	65	54	186	6	2		8	3	4	1	106	114	186	122
A11	14	22	46	55	137	4	1		5	4		3	79	86	137	91
									<b>58</b>						<b>2365</b>	<b>1123</b>
B1/2	35	25	90	300	450	2	1		3						450	3
B3	10	2		70	82	6	1		7	3	1	1	6	11	82	18
B4	18	22		200	240	6			6	3	10	1	2	16	240	22
B5	25	15	10	285	335	1			1				1		335	2
B6	18	7	50	305	380	1	2		3				2	2	380	5
B7	15	10	70	130	225	1		1	2		7	1	1	9	225	11
B8	45	30	94	305	474	2	1		3	2	2	1		5	474	8
B9	45	12	140	125	322	1		1	2	6				6	322	8
B10	27	4	60	200	291		2	2	4	1		1		2	291	6
B11	25	20	55	175	275	1	4		5	6	2			8	275	13
B12	20	5	45	145	215				0					0	215	0
B13	25	6	125	87	243	2	1		3	2				2	243	5
B14	20	10	130	17	177				0					0	177	0
B15	6	3	28	16	53				0					0	53	0
B16	3	1	5	21	30				0					0	30	0
B17	5	1	10	30	46			1	1	2	1	2		5	46	6
B18	6	1	27	15	49				0					0	49	0
B19	2	45	123	70	240				0				3	3	240	3
B20	1	50	115	80	246				0	5		2	5	12	246	12
B21		101	180	145	426				0	3	4	2	2	11	426	11
B22	2	85	120	120	327				0	3	3		6	12	327	12
B23		107	115	21	243				0	5	1	1	7	14	243	14
B24		75	80	15	170				0	1		2	7	10	170	10
B25	4	27	55	50	136				0	2			3	5	136	5
B26	12		10	5	27				0					0	27	0
B27		41	17	10	68				0		1	1		2	68	2
									<b>40</b>						<b>5770</b>	<b>176</b>
C		1		8	9				0				1	1	9	1
															<b>9</b>	<b>1</b>
D	8	21	43	31	103				0		2		24	26	103	26
															<b>103</b>	<b>26</b>

Os totais de fragmentos encontrados em cada área são suficientemente expressivos. Quando comparados, claramente se observa, que a zona mais rica em material é a B com quase 6000 fragmentos (5986), todas as categorias incluídas, seguida da zona A com 3546 fragmentos. As áreas C com apenas 10 fragmentos e a D, apesar de apresentar maiores quantidades (129), podem considerar-se insignificantes. É evidente que estes números, por se tratar de achados de superfície, não podem servir para mais do que uma primeira ideia sobre o potencial arqueológico da encosta. No entanto, durante a prospecção, tivemos o cuidado de manter sempre a mesma atitude, para eliminar factores arbitrários.

### 2.2.2. Uma primeira interpretação dos números

O destaque do número total de fragmentos recolhidos na zona B é facilmente explicável. Na realidade, deve-se a dois factores externos, isto é, estranhos à realidade contextual antiga. São eles, primeiro, o tamanho da superfície prospectada, que abrange mais do dobro da zona A, e, segundo (cumulativa com a anterior), a circunstância de se tratar de uma zona mais baixa ou mesmo de sopé, onde naturalmente se junta todo o material transportado pelos agentes naturais de erosão. Tendo em conta estes factores, parece lícito concluir que a relação de superfície/material, isto é, de fragmento por metro quadrado, é praticamente idêntica nas duas zonas, se não mesmo maior na área superior. De facto, abrangendo um terreno com aproximadamente o dobro da área da zona A, recolheram-se na prospecção de B menos fragmentos de cerâmica do que seria de esperar, atendendo somente à dimensão das zonas investigadas e à expectativa de uma distribuição análoga de vestígios.

Voltando aos totais de fragmentos recolhidos, podemos realçar duas observações. Primeiro, que em todos os transectos, o número de fragmentos de cerâmica de construção ultrapassa de longe o número de fragmentos de recipientes. Segundo, que existe uma interessante relação entre os fragmentos procedentes da área A, porque, à excepção de A1 e A2, o número de fragmentos de cerâmica que corresponde a formas de uso comum fica sempre um pouco abaixo da metade do número de fragmentos de cerâmica de construção. A primeira observação parece facilmente explicável. É natural que se encontre no terreno um maior número de fragmentos de tijolos, *tegulae* e *imbrices*, porque a abundância desse material é uma característica de todos os sítios romanos. Já a segunda observação, que documenta uma relação relativamente constante entre os dois grupos cerâmicos, parece demonstrar que a dispersão dos materiais, tanto de um, como do outro grupo, se produziu de modo análogo. Para isto podem ter contribuído factores externos e posteriores à época romana. Tratar-se-á, por um lado, de factores orográficos, como a inclinação do terreno, que é homogénea, somente interrompida pelos socalcos visíveis na superfície, e, por outro, da acção dos trabalhos agrícolas, por exemplo as lavras, que dispersam os vestígios arqueológicos. A razão, pela qual os materiais procedentes dos corredores A1 e A2 fugiram a essa “regra”, deve residir, por certo, na configuração da encosta da crista, bastante íngreme nessa área, contribuindo para um mais fácil arrastamento dos fragmentos mais leves, por acção dos agentes naturais de erosão.

Já os números de fragmentos procedentes da área B não revelam essa relação constante entre os dois grandes grupos cerâmicos. O número de fragmentos de cerâmica de construção é sempre bastante superior ao número de fragmentos de recipientes, chegando a ser 10, 20, 30 ou mais vezes superior. Na zona B acharam-se muito menos fragmentos de vasos que na zona A. Não se vislumbra uma explicação externa para esta ocorrência. É certo que o terreno se apresenta

mais aplanado, mas isso não tem, *a priori*, nenhuma consequência sobre a quantidade de achados à superfície. A utilização agrícola é a mesma. Assim, tudo indica que o facto tem valor enquanto tal e assim deverá ser interpretado, parecendo óbvia a conclusão de que haveria menor utilização de recipientes cerâmicos na área B do que na A. Observando os totais de fragmentos na zona B, nota-se que os números mais elevados se encontram nas áreas centrais. Os achados acumulam-se, de noroeste para sudeste, entre os transectos 25 a 19, e o 1 e o 14. Em regra, a quantidade recolhida nessa zona oscila entre os 200 a 400/450 fragmentos por transecto. Já nos extremos oriental (15 a 18) e ocidental (26 e 27), da zona B, os números baixam bastante, pelo que a conclusão resulta evidente: a prospeção abarcou, de facto, toda a área de interesse arqueológico incluindo o centro do complexo, sendo estas extremidades áreas periféricas de escasso ou nulo interesse.

### 2.2.3. Os elementos de maior valor cronológico

As prospeções permitiram identificar uma apreciável quantidade de material arqueológico, com particular relevância para a cerâmica romana de construção, infelizmente pouco útil para precisar cronologias de construção e ocupação. Foi também identificado um fragmento de machado ou enxó de anfíbolite, que constitui o único elemento claramente pré-romano recolhido. Datável de épocas mais recentes são vários fragmentos de cerâmicas, que deveremos considerar modernas, em sentido lato, sem excluir a possibilidade de algumas delas poderem situar-se em época anterior (medieval).

Excluídos estes grupos, de fraco ou nulo interesse para datar as ocupações antigas do local, merece particular atenção um conjunto de elementos que pode efectivamente designar-se como datante. Identificámos no decurso das prospeções três fragmentos de *terra sigillata*, respectivamente, um fragmento de bordo da forma Drag. 18 (em B/14), um fragmento de fundo de uma forma aberta, com um sulco inscrito no interior, enquadrável nas formas Drag. 15/17 ou 18 (em A/7) e um fragmento de bojo da forma Drag. 24/25 (em A/8). Apresentam características de fabrico análogas, tratando-se de produções gálicas, provavelmente de La Graufesenque (Fig. 9). Embora nada nos garanta que estes fragmentos tenham pertencido a um qualquer contexto unitário e coerente, deve sublinhar-se a evidente semelhança da cronologia atribuída ao seu fabrico e difusão, apontando para um período compreendido entre o século I e os inícios do II d.C.

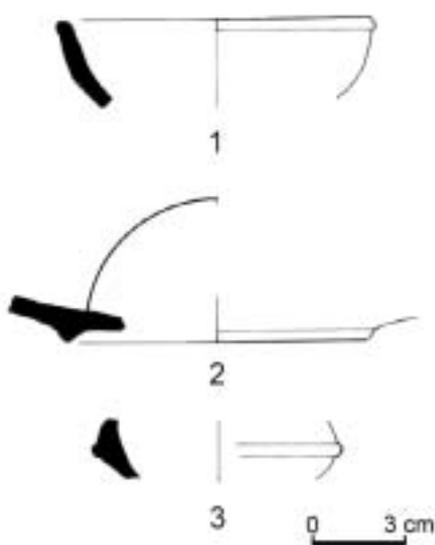


Fig. 9 Os fragmentos de *terra sigillata* recolhidos nas prospeções.

Mais interessante se afigura a relevante presença de fragmentos de ânforas. Identificámos 98 fragmentos significativos (bordos, asas e fundos), amplamente dispersos por toda a área prospectada, mas com particular expressão nos transectos A6 - A11 e B1 - B11. Esta distribuição, sendo genericamente coincidente com a documentada para o material de construção, pode considerar-se significativa para uma correcta delimitação da área de interesse

arqueológico. O conjunto é claramente dominado por exemplares de fabrico lusitano, 82 registos, esmagadoramente com pastas características dos baixos Sado e Tejo. Dominam os exemplares da Classe 20/21 (= Dr 14), sendo de registar um considerável número de fragmentos com o bordo marcado por um nítido ressalto, que lhe confere a aparência de fita (Fig. 10, n.ºs 1 e 2). Num caso, trata-se mesmo de um lábio claramente destacado, aproximando-se daquilo que tem sido considerada a primeira forma de contentor lusitano, genericamente inspirado em formas béticas (Fig. 10, n.º 1). Esta morfologia de bordo constitui um atributo típico da fase antiga da produção dos contentores desta forma, que poderá remontar à época de Cláudio ou mesmo a um momento anterior, a fazer fé nas observações realizadas nos fornos do Largo da Misericórdia, Setúbal (Silva, 1996) e nos complexos oleiros do Pinheiro e de Abul (Mayet e Silva, 1998;

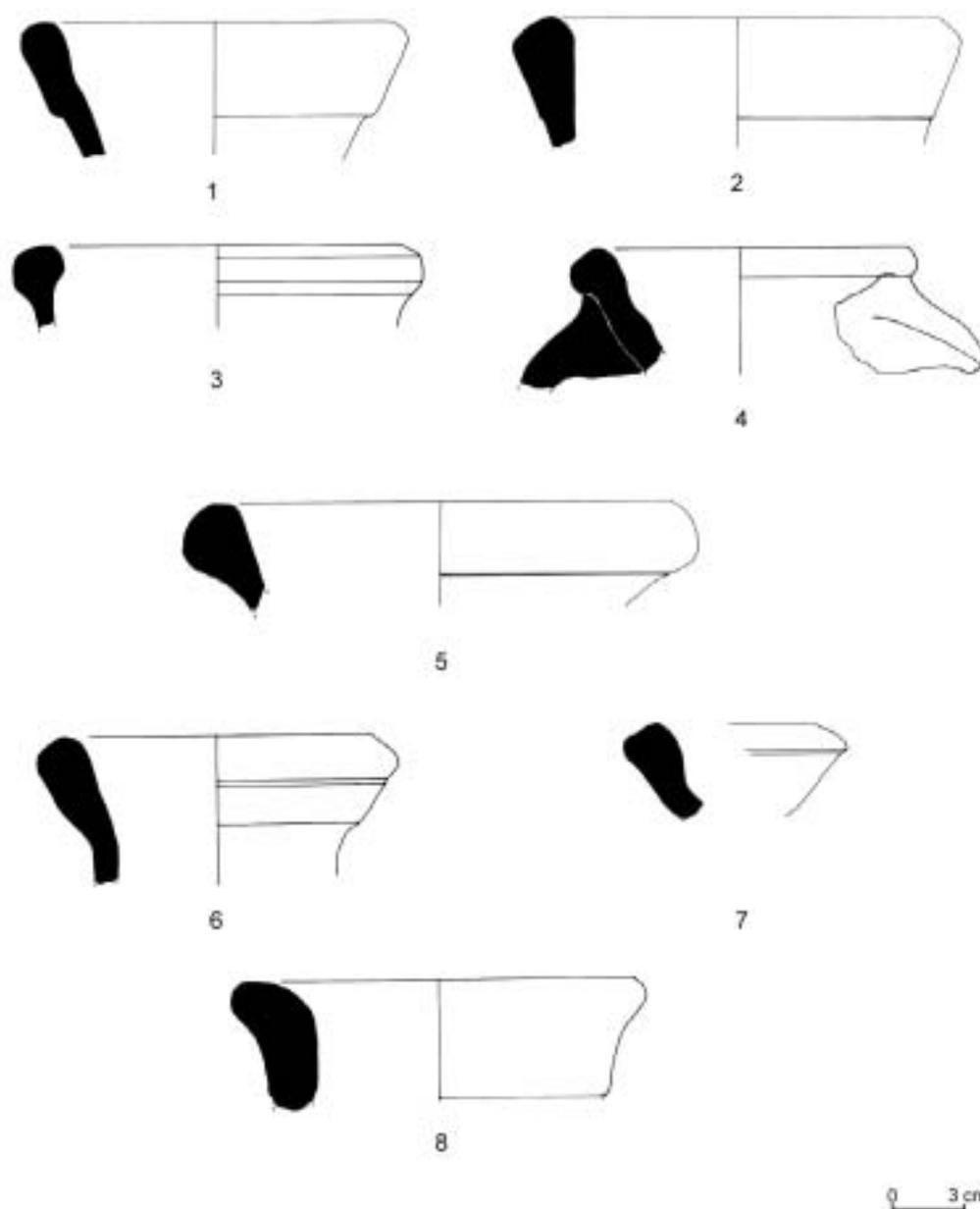


Fig. 10 Algumas ânforas recolhidas nas prospecções.

Mayet, Silva, Costa e Makaroun, 2002). Contudo, quantitativamente, o tipo de bordo dominante é o dito “perlado”, que atravessa toda a diacronia da produção desta forma nos centros oleiros lusitanos, desde a segunda metade do século I à transição do II para o III d.C. (Fig. 10, n.ºs 3-5). Quatro fragmentos de bordo, muito rolados, poderiam eventualmente atribuir-se à Classe 23 (= Almagro 51c), embora com algumas reservas. Estes, são os únicos elementos recolhidos nas prospecções que remeteriam para âmbitos cronológicos mais recentes, embora pelo seu estado de conservação não possam considera-se peças de caracterização segura – podem na realidade ser fragmentos também eles integráveis na Classe 20/21 (= Dr. 14) ou, simplesmente, tratar-se de cerâmicas comuns fabricadas nas olarias do Tejo ou do Sado.

Neste conjunto de ânforas, identificámos alguns fragmentos que apresentam pasta de características peculiares, de matriz argilosa fina, de coloração castanha clara (Mun. 7.5 YR 6/4), restos de uma aguada avermelhada na superfície externa e elementos não plásticos muito abundantes de quartzo, de diferentes tonalidades, xisto e moscovite (Fig. 10, n.º 5). Trata-se provavelmente de um fabrico lusitano, embora não seja fácil identificar a sua origem pela simples observação macroscópica, não será mesmo de excluir a possibilidade de pertencer a algum centro oleiro ainda não identificado ou caracterizado. Os principais elementos distintivos são a coloração muito escura e a pasta grosseira. Todos os fragmentos com estas características que permitem classificação formal parecem enquadrar-se na Classe 20/21 (= Dr. 14).

De entre as restantes ânforas, regista-se um número não despidendo (12) de fragmentos de exemplares provenientes do vale do Guadalquivir, com um claro predomínio dos fragmentos de asa atribuíveis à Classe 15 (= Haltern 70). Um dos fragmentos de bordo apresenta características marcadamente tardias dentro das produções desta forma (Fig. 10, n.º 6). Registe-se um bordo e um fundo que evocam a Classe 59 (Fig. 10, n.º 7), uma ânfora que é habitualmente considerada como a evolução tardia da Classe anteriormente referida. De entre as restantes peças com pastas de análoga proveniência, identificamos somente um fragmento de arranque de asa, muito rolado, que poderá ter pertencido a uma Dressel 20, e um outro de asa bífida, eventualmente enquadrável na Classe 10. Assinala-se, ainda, em menor número, a presença de fragmentos de exemplares fabricados na área da baía gaditana (4). O único exemplar que permite uma classificação mínima é um fragmento de bordo enquadrável na Classe 17 (= Beltrán 1/Dr. 7-11), não sendo possível atribuí-lo a nenhuma das formas específicas, que cabem nesta grande categoria (Fig. 10, n.º 8).

O conjunto das ânforas indica-nos um âmbito cronológico que se estenderia pelos séculos I e II d.C., podendo admitir-se uma data um pouco mais recuada (fins do I a.C./inícios do I d.C.), pela presença dos exemplares das Classes 10 e 15. Infelizmente, não estamos informados sobre o padrão das importações de ânforas nas áreas do interior alentejano nestas épocas, pelo que se afigura difícil avaliar se o conjunto identificado corresponde à norma ou constitui alguma singularidade – não nos parece pertinente cruzar esta informação com os dados da escavação das *uillae* de S. Cucufate, Vidigueira, uma vez que falta informação segura justamente sobre a fase mais antiga da existência do estabelecimento rural, aquela que mais interesse teria no caso presente. Mas, se buscarmos paralelos mais longínquos, verificamos que o conjunto das importações documentadas não se afasta genericamente das características detectadas, por exemplo, no depósito de Bas-de-Loyasse (Lyon), datado de época flaviana (Dangréaux e Desbat, 1988). De facto, ali se verifica uma presença já minoritária das ânforas de preparados de peixe de origem gaditana dos tipos enquadráveis no grupo das Dressel 7-11, substituídas por contentores de outros tipos – naturalmente, no caso de S. Miguel da Mota são, compreensivelmente, os artigos lusitanos que as substituem, contrariamente ao verificado em Lyon; estão presentes também as

ânforas ditas *Haltern 70 similis*, tal como na área do nosso santuário, sendo que, contrariamente ao que sucede no exemplo gaulês, não temos dúvidas de que as peças que recolhemos constituem produtos fabricados no baixo Guadalquivir, provavelmente análogos aos encontrados na Britânia (Sealey e Tyers, 1989).

Certo é que, tirando os citados exemplares lusitanos, eventualmente enquadráveis na Classe 23 (= Almagro 51c), mas de problemática caracterização, nada aqui nos aponta para ocupações que ultrapassem o século II ou os inícios do III.

Registe-se, como curiosidade, um fragmento indiferenciado com fabrico típico do vale do Guadalquivir, onde foi gravado, pós-cozedura e provavelmente, quando se tratava já de um fragmento a letra **E**, dado particularmente expressivo por se tratar da primeira letra do nome da divindade ali cultuada (v. *infra*).

Os principais resultados obtidos por estas prospecções não constituem propriamente uma novidade, podem mesmo considerar-se, em parte, redundantes, relativamente às observações de Manuel Calado (1993, p. 61). Assim, em primeiro lugar, deve sublinhar-se o facto de ser a vertente voltada a nascente aquela que apresenta as claras evidências de uma ocupação/utilização em época romana, sendo, por isso mesmo, uma área fundamental para o desenvolvimento de futuros trabalhos. Os dados obtidos permitem-nos afirmar que ali existirão construções, indirectamente identificadas pelos abundantes fragmentos de cerâmicas de cobertura. Não menos importante nos parece sublinhar que, entre os fragmentos recolhidos, nada há que permita supor ter sido o local ocupado ou sequer utilizado em época pré-romana, uma vez que o fragmento de machado ou enxó polido não é significativo como indicador de preexistências indígenas. Mesmo admitindo tratar-se de uma prova de antigas utilizações daquele espaço, remete para épocas remotas que se não poderão de todo considerar antecedentes próximos do local de culto romano. Este aspecto embora não sendo novo, vem, por um lado, relançar as interrogações sobre a peculiaridade de existir em S. Miguel da Mota um santuário romano, consagrado a uma divindade indígena.

Provavelmente, a principal novidade trazida por estas prospecções será a que se relaciona com a cronologia da ocupação destas zonas, aferida pelos achados de superfície. De facto, de entre o material recolhido, aquele que apresenta cronologias minimamente seguras, data de uma fase relativamente antiga da presença romana, isto é de entre o período júlio-cláudio, em sentido lato e o século II/inícios do III d.C, primando pela ausência os materiais mais tardios. Este dado é tanto mais significativo quanto seria de esperar uma mais expressiva presença destes materiais, se efectivamente a área tivesse sido ocupada no Baixo-Império/Antiguidade Tardia. Trata-se, portanto, de uma situação em que se poderá considerar relevante o argumento de ausência. Mas, se estes dados se revelam interessantes no que diz respeito ao seu âmbito mais recente, não deixam de ser igualmente relevantes no que concerne à sua fase mais antiga. Uma vez mais, servimo-nos de argumentos de ausência, mas parece interessante verificar a inexistência de indicadores remontando ao período da conquista romana (ânforas itálicas, cerâmica campaniense, “paredes finas”, *sigillata* de tipo itálico). Pelo que tudo indica, o local de culto foi construído e utilizado numa época em que se encontrava já devidamente estabelecido o domínio romano.

Estes dados de prospecção da encosta contrastam com a informação transmitida por Leite de Vasconcellos que, recorde-se, registou a presença de moedas do século IV, quando procedeu à demolição da ermida de S. Miguel (Vasconcellos, 1905, p. 122), e também com os que pudemos obter nas sondagens realizadas na área do desaparecido templo cristão, como haverá oportunidade de comentar. Contudo, deve sublinhar-se que um âmbito cronológico similar para o culto de Endovéllico fora já sugerido, com base nas características da estatuária e da paleografia

das epígrafes. Assim, podemos considerar que estes artefactos vêm confirmar as tradicionais datações propostas para o culto romano da divindade indígena.

Curioso se afigura também o elevado número de ânforas identificado. De entre os artigos importados, dominam os preparados de peixe de produção lusitana, embora os da baía gaditana também estejam presentes. Há um registo igualmente significativo de vinho (Classes 10 e 15) ou azeitonas em conserva (Classes 15 e 59), sendo o azeite o artigo menos representado. Mais do que um qualquer contexto de oferendas, estas ânforas parecem indicar a existência de estruturas locais, reveladoras de uma ocupação permanente, se não mesmo de algo destinado a garantir alimentos para quem demandasse o local de culto. Neste particular, não deixa também de ser revelador a existência de vários fragmentos de bordos horizontais de *dolia*, tipologicamente enquadráveis no “tipo clássico”, para usar a terminologia dos autores das escavações da *uilla* de S. Cucufate (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990, p. 244-247), certamente destinados à armazenagem de artigos alimentares no próprio local.

O panorama do consumo de alimentos importados que documentamos em S. Miguel da Mota afigura-se interessante. Por um lado, há a registar a significativa presença de preparados de peixe das regiões litorais da Lusitânia, sublinhando a sua importância no abastecimento das regiões interiores já verificada em S. Cucufate (Mayet e Schmitt, 1997). Por outro, assinala-se a fraca expressão de outros artigos, vinho e azeite, sobretudo deste último. É certo que o espaço de um santuário, por razões várias, não deve considerar-se como o local apropriado à correcta avaliação dos hábitos de consumo das populações locais, mas não deixa de ser expressiva esta ausência de importações oleícolas, atendendo ao abundante uso que deste artigo se deveria fazer. Parece evidente, portanto que tais necessidades deveriam ser asseguradas pelos produtos locais — recorde-se que a mais antiga prova de uma produção de azeite no interior alentejano foi recentemente identificada no estabelecimento militar do Castelo da Lousa (Mourão), em contexto tardo-republicano (Gonçalves e Carvalho, 2002, p. 184 e fig. 4). Genericamente, este panorama sublinha o contexto de plena romanização em que teria decorrido a vida do santuário de Endovéllico.

### 2.3. As sondagens

Na parte mais elevada da longa crista que investigámos, junto ao marco geodésico, era visível uma plataforma rectangular que corresponderia com toda a verosimilhança ao primitivo local de implantação da ermida de S. Miguel da Mota (Figs. 3 e 11). Embora não existisse qualquer vestígio da construção, conservavam-se à superfície dois grandes blocos de mármore, com pias escavadas, e um elemento arquitectónico, do mesmo material. A sua disposição no terreno era, mais ou menos, radial, relativamente ao marco geodésico, com as pias a este e oeste, deste, e o elemento arquitectónico a norte (Fig. 5). Algumas descontinuidades lineares constituíam outros indicadores da presença de uma antiga construção. Finalmente, a escassos metros a sul do marco, a rocha aflorava, o que nos fornecia um bom indicador sobre os limites concretos da área a intervir (Fig. 3).

A nossa informação de base era a planta esquemática da ermida, esboçada por Gabriel Pereira, dada à estampa na *Revista de Arqueologia* (Pereira, 1889, Est. XI) e, posteriormente, várias vezes reproduzida (Correia, 1928, p. 373; Almeida, 1962, p. 120). Nela pode ver-se um templo de planta praticamente quadrangular, com cerca de 11,5 m de lado, de estrutura tripartida, com uma nave central um pouco mais larga que as laterais. Do lado Norte, onde existiria um “cerado”, o polígrafo eborense representou estruturas que poderiam corresponder a restos de construções mais antigas (Fig. 11). Infelizmente, não esclareceu no texto a natureza destas estrutu-

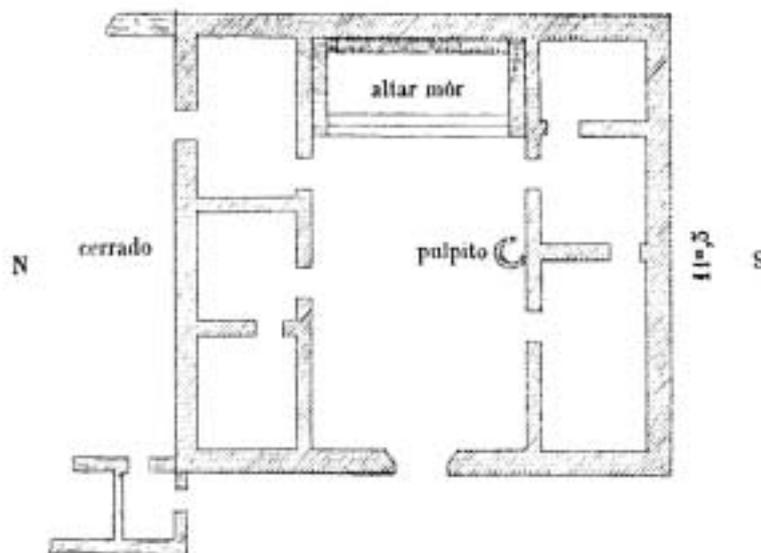


Fig. 11 A ermida de S. Miguel da Mota, segundo Gabriel Pereira (1889).

ras. A planta e dimensões da ermida são, de facto, algo insólitas. No século XIX, foi sugerido que estas singularidades se ficariam a dever ao reaproveitamento de um antigo templo romano (Pereira, 1889, p. 145); posteriormente, foi identificado como construção visigótica (Correia, 1928, p. 377) ou, mais recentemente, como templo moçárabe (Real, 1995, p. 45).

Foi, pois, a partir desta planta que desenhámos o conjunto de sondagens a realizar (Fig. 5). Consistiam basicamente em quatro sondagens, com 2 x 10 m, orientadas aproximadamente no sentido dos pontos cardeais principais, devidamente adaptadas e integradas na topografia local. Cada sondagem foi designada por um código alfa-numérico (1A, 1B, as sondagens com orientação E-W, e 2A, 2B, as orientadas a N-S). Com esta abordagem pensávamos conseguir definir devidamente a área de implantação da ermida apurar o seu estado de conservação, natureza da intervenção (intervencções) ali realizadas por Leite de Vasconcellos e, naturalmente, determinar se existia, de facto, uma sobreposição entre o santuário romano ou uma outra qualquer estrutura e o edifício cristão. Este plano pressupunha uma intervenção muito circunscrita, destinada somente a esclarecer estas questões e a orientar um futuro programa de intervenções mais alargado, o que justifica algumas das opções que fizemos e, sobretudo, a não conclusão de muitas das áreas sondadas.

Não obstante, como veremos, o decurso dos trabalhos acabou por impor algumas ampliações das áreas em escavação, que se fizeram pelo acréscimo sequencial da componente alfabética, respectivamente, **1C** e **1D**, ampliando a sondagem **1B**, para norte; e **2C**, ampliando a **2B**, do lado Nascente (Fig. 5).

A **sondagem 1A**, a primeira que realizámos, partia da área mais elevada junto ao marco geodésico, na direcção de Poente (Fig. 5). Tinha, pois, uma orientação E-W, e deveria localizar a área da antiga entrada da ermida ou, pelo menos, a parede onde ela se abria. Instalámo-la de modo a averiguar as condições em que se encontrava um bloco de mármore paralelepípedo, onde se cavou uma pia, que aflorava no terreno (Figs. 5 e 12).

A sequência observada consistia em: camada de terras soltas, húmidas, de superfície, com abundantes raízes [UE 0], mais espessa na área central da sondagem, do que nas suas extremidades, que envolvia o mencionado bloco marmóreo. Estava, pois, o dito, fora de qualquer contexto primário (Fig. 12).

Imediatamente abaixo deste estrato de deposição natural, identificava-se uma camada muito pouco compactada, com abundantes fragmentos de reboco de cal e telhas modernas [UE 1], que cobria diferentes realidades. Uma vez mais, esta camada apresentava-se mais espessa na área central da sondagem do que nas suas extremidades sendo mesmo inexistente na extremidade Oeste, onde a camada humosa de superfície se depositava sobre uma outra, muito compacta [UE 4], de matriz argilo-arenosa, com pequeníssimos fragmentos de tijolo e telha modernos (Fig. 12). Sobre esta última, depositavam-se algumas pedras de considerável dimensão. Esta unidade estratigráfica estende-se para fora da área sondada, em todas as direcções, excepto a Este, onde se apoia a uma outra [UE 44] de características peculiares. Trata-se, esta última, de uma camada de quase um metro de largura, que atravessa perpendicularmente, em sentido N-S toda a sondagem, e que consiste, basicamente, num corte na rocha de base, parcialmente preenchido por pequenos elementos de gneiss e de xisto, argamassados numa massa de cal e areia. Esta unidade marcava, claramente, uma distinção entre duas áreas na sondagem e correspondia, também, grosso modo, ao limite da [UE 1] (Fig. 12). Finalmente, nos últimos dois metros do extremo Este, observámos, directamente sob a [UE 1], as seguintes realidades: uma parede de alvenaria grosseira [UE 43], perpendicular à [UE 44], de orientação Este-Oeste; de um e de outro lado desta parede duas camadas de matriz argilosa [UEs 2 e 3], finalmente, o substrato rochoso, que foi posto a descoberto em boa parte da área escavada, havendo a registar a peculiaridade de apresentar uma cavidade cúbica, numa das bancadas (Fig. 12).

A interpretação destas realidades não é, de todo, fácil. Parece claro que a [UE 44] corresponderia ao limite da parede Oeste da ermida, ou mesmo à zona onde se encontraria a porta de acesso à mesma, aqui reduzida já, praticamente, ao roço aberto na rocha para instalar o seu alicerce; pelas características que apresenta, parece igualmente evidente que a [UE 4] corresponderia ao antigo piso exterior, trata-se seguramente de um pavimento e parece admissível ter sido aquele que pisavam os utilizadores do templo cristão, quando ele se encontrava aberto ao culto e, inclusivamente, pela escassa cobertura sedimentar, ter continuado a superfície em uso até ao seu desmantelamento. Não nos pareceu relevante, nesta fase dos trabalhos, proceder à sua escavação. Mais complicada se afigura a interpretação da estrutura [UE 43] e dos estratos argilosos [UEs 2 e 3], que lhe estão associados. De facto, não foi possível definir com clareza as relações entre estas realidades e a [UE 44], pelo que se poderão admitir duas interpretações no estado actual dos conhecimentos: ou se trataria de estrutura mais antiga, inutilizada pela construção da ermida, na sua última configuração (aquela que o Padre J. Rocha Espanca, Gabriel Pereira e



Fig. 12 Perspectiva da sondagem 1B a partir de este.

Leite de Vasconcellos viram), ou uma estrutura de sustentação e enchimento deste último plano arquitectónico, coincidente com a zona da entrada. Somente futuros trabalhos permitirão talvez esclarecer esta dúvida, impondo-se, também, a ampliação da área a escavar aqui, para que se consiga um efectivo esclarecimento da linha de fachada do edifício.

A camada de entulhos pouco compactados [UE 1] corresponde, naturalmente, aos detritos deixados pelo desmantelamento do templo cristão, realizado em 1890. E, bem entendido, toda a sequência estratigráfica pressupõe a existência de uma grande interface de destruição [UE 50] associada a essa acção.

No limite Este, da sondagem, isto é, em área que não chegámos a escavar e só observámos em corte, parecem vislumbrar-se distintas camadas de entulhos, com restos de elementos de construção, pelo meio, e lajes de xisto dispostas horizontalmente (Fig. 13). Uma vez mais, só futuros trabalhos permitirão esclarecer e precisar se estamos perante uma acção de arrumação criteriosa dos entulhos, realizada nos fins do século XIX, ou, pelo contrário, a diferentes fases de construção do templo de S. Miguel.

Em toda a área escavada os materiais romanos eram muito escassos e resumiam-se a fragmentos de cerâmica, sobretudo de cobertura, rolados e claramente fora de qualquer contexto primário. Uma conta de vidro translúcido, esbranquiçado, parece mais objecto de época moderna, do que artefacto relacionável com mais antigas utilizações do local.

A **sondagem 1B**, orientava-se em direcção oposta à anterior, seguia, pois, na direcção Este, a partir do topo, e constituía o seu natural prolongamento, ainda que desalinhada, para não colidir com o marco geodésico (Fig. 5). O vértice NE de **1A** tocava no SO de **1B** (Fig. 5). Uma vez mais, tinha dois metros de largura, mas era mais extensa, com catorze metros, porque interessava averiguar algumas descontinuidades microtopográficas que se observavam à superfície. Aqui, a sequência de superfície era análoga à da sondagem anterior, logo abaixo da camada



Fig. 13 Perfil este e sul da sondagem 1B.

humosa de superfície [UE 0], encontrávamos um estrato de entulhos [UE 1], resultantes da destruição da ermida, o que pressupunha a grande interface de destruição [UE 50]. As novas realidades surgiam depois, a saber, os restos do que parecia ser um antigo pavimento feito de brita e cal [UE 5], identificado numa pequeníssima área junto ao canto NO da sondagem e prolongando-se, a norte, para a zona abrangida pela **sondagem 2A**, e a Oeste para fora da área em escavação. Este resíduo sobrepunha-se a uma nova unidade estratigráfica de textura arenosa, coloração castanha escura e escassa compactação com abundantes ossos humanos dispersos [UE 16]. Na área NE da sondagem, a cerca e um metro do seu limite Oeste e encostada ao corte Sul, identificámos uma sepultura estruturada com grandes lajes de xisto, formando uma caixa de cerca de 1,5 x 0,6 m [UE 8], implantada numa fossa [UE 9], aberta na rocha de base, e sem vestígios de cobertura. Chamámo-lhe *sepultura 1* (Fig. 14). O interior dessa sepultura revelava o que parecem ter sido dois momentos distintos de violação: um, mais antigo, que revolveu o seu conteúdo e amontoou de um modo caótico alguns ossos humanos, junto da extremidade Oeste, esta interface de destruição recebeu a designação de [UE 48]; um segundo, provavelmente associado à demolição da capela em 1890 [UE 50], já que o seu interior apresentava grande quantidade de entulho, análogo ao que constitui a [UE 1]. Pensamos, todavia, que Leite de Vasconcellos não terá acompanhado esta última acção de revolvimento, uma vez que se conservava no interior uma estela discóide em mármore (Fig. 14), que dificilmente ali teria permanecido se o fundador do Museu Etnológico a tivesse visto. No corte, junto à sepultura, parece ver-se uma superfície construída com areão e cal (Fig. 14), que poderia corresponder a um pavimento de características análogas ao [UE 5]. No entanto, esta realidade, que parece bem nítida no corte, não se conservava na área que escavámos.

Somente na zona Este da sondagem, foi possível identificar um conjunto de estruturas, relativamente bem conservadas. Trata-se de um pequeno muro, de orientação N-S, que não apre-



Fig. 14 A sepultura 1, do sector 1B.

sentava continuação na área sondada, mas que se prolongava para Sul [UE 26]; uma espessa parede de orientação N-S [UE30] e uma outra, perpendicular a esta, orientada E-O, portanto, praticamente junto ao corte N e desenvolvendo-se para fora da área da sondagem. Genericamente pode dizer-se que todas as paredes apresentam estrutura análoga, de alvenaria, utilizando elementos diversificados de pequena ou média dimensão (gneiss, xisto, granito e até mármore), argamassada com uma massa de cal e areia. Somente na [UE 30] a presença de um grande bloco paralelepípedo de gneiss, com cerca de 1 metro de largura constituía elemento dissonante de uma construção realizada em alvenaria pobre e com elementos de pequeno calibre (Figs. 21 e 27). A parede de alvenaria estava parcialmente partida junto desse bloco, sugerindo que o mesmo já poderia ter intrigado Leite de Vasconcellos, aquando da sua intervenção de 1890. O bloco estava envolvido pela argamassa de cal e por pedra de menor dimensão, não sendo claro se constituiria uma preexistência reaproveitada ou realidade mobilizada concretamente para a construção da ermida.

A principal peculiaridade dos entulhos desta área era a presença de abundantes elementos de frescos pintados, embora em fragmentos de pequenas dimensões. Corresponderiam, por certo, àquilo a que Gabriel Pereira definiu como. “ (...) *umas pinturas barbaras de que ainda existe restos; obra rudemente executada (...)*” (Pereira, 1889, p. 146). Até onde foi possível apurar, parecem corresponder a, pelo menos, dois programas distintos de decoração do templo, um, que remontará ao período filipino, quando numerosas igrejas da Arquidiocese de Évora foram decoradas com frescos; e outras, com efeitos marmoreados, poderão datar de época mais recente — agradecemos ao nosso colega Vítor Serrão estes esclarecimentos; e a Joaquim Caetano, da empresa de restauro *Mural da história*, a observação de que poderão existir mais fases ou momentos de aplicação de frescos, perceptíveis nas distintas espessuras dos rebocos que lhes servem de suporte.

Em toda a restante superfície da sondagem a camada de entulhos [UE 1] cobria directamente a rocha, preenchendo mesmo algumas depressões profundas que a mesma apresentava. Este profundo revolvimento, justificará os abundantes ossos humanos identificados na [UE 16], permitindo atribuí-los a enterramentos existentes na área, que terão sido dispersos pela acção dos trabalhadores a mando de Leite de Vasconcellos — assinala-se que os únicos elementos registados no Museu Nacional de Arqueologia como provenientes de S. Miguel da Mota, que não as epígrafes e esculturas, são justamente 14 ossos humanos.

Uma vez mais, o número de elementos de períodos antigos identificados foi muito escasso, resumindo-se a fragmentos de cerâmica de diminutas dimensões. De um ponto de vista patrimonial, os elementos mais importantes e que nos mereceram maiores cuidados foram os fragmentos dos frescos.

Contrariamente ao que sucedia na sondagem anterior, desenhava-se aqui com bastante clareza o que deveria ser a planta da ermida de S. Miguel da Mota, tal como Gabriel Pereira a esboçou (Pereira, 1889, Est. XI). Se as nossas observações estivessem correctas, deveríamos ter alcançado as estruturas da nave central, na área correspondente ao altar, o que justificaria a presença dos frescos pintados. Parecia claro também que a intervenção de Leite de Vasconcellos tinha sido radical e, facto importante para os objectivos que perseguíamos, não se vislumbravam vestígios de estruturas anteriores à ermida de S. Miguel, com a possível excepção da sepultura estruturada com lajes de xisto uma vez que não era claro se a mesma teria pertencido ao templo ali existente ou se andaria associada a um momento de ocupação anterior, e o grande bloco de gneiss, sobre o qual se colocam dúvidas similares.

A **sondagem 2A**, de orientação Norte-Sul, foi delineada também com dois metros de largura e 10 de comprimento (Fig. 5). Esta intervenção, perpendicular ao topo Oeste da **1B**, dese-

nhava juntamente com ela um *L* contínuo, sem áreas intermédias por escavar, que potencialmente nos forneceria uma imagem das relações físicas entre os distintos espaços da antiga ermida. Infelizmente, esta contiguidade não revelou as potencialidades desejadas.

Uma vez mais, após a camada humosa de superfície [UE 0], identificámos a camada de terras soltas e entulhos [UE 1] correspondente ao produto da demolição da ermida por Leite de Vasconcellos, em 1890; obviamente, como nos outros locais, pressuposta estava a grande interface de destruição [UE 50]. A principal surpresa resultava de, em algumas zonas, a rocha de base ficar imediatamente visível, logo após a remoção da camada de entulhos, sobretudo na zona Norte da sondagem (Fig. 15). Com evidente descontinuidade, revelavam-se dois restos de pavimentos, um, muito circunscrito, na área de contacto com a **Sondagem 1B**, era o pavimento de cal com areão [UE 5], já mencionado, e muito circunscrito, nas áreas sondadas uma vez que se prolonga para fora dos sectores abrangidos pelos nossos trabalhos. Mais a norte, identificámos um outro pavimento, sobretudo de matriz argilosa, alaranjado na coloração [UE 7], que, em alternativa, poderá constituir um resto do mesmo nível de pavimento, ou um piso mais antigo. Todos os materiais directamente associados a estes pavimentos eram modernos, á excepção de poucos fragmentos de cerâmica, sobretudo de cobertura (*tegulae* e *imbrices*), que remontarão à época romana, ainda que se encontrassem em clara situação de reaproveitamento como elementos das alvenarias. Estamos convencidos que este reaproveitamento de material antigo na construção da ermida (e a sua posterior demolição) que justificam a presença dos materiais romanos que recolhemos nas prospecções da área D, mais do que propriamente alguma antiga ocupação desta área.

Sob estes pavimentos parece existir uma extensa camada de textura arenosa, muito solta, de coloração acastanhada [UE 16] que continha abundantes ossos humanos, dispersos. Como



Fig. 15 Aspecto da sondagem 2A a partir de norte.

nos limitámos a identificar este estrato e não o escavámos, ficou por esclarecer se estaríamos a aflorar uma realidade bem conservada onde se abriam sepulturas em fossa (não estruturadas) ou, simplesmente, de uma camada revolvida com características análogas à identificada na **Sondagem 1B**, isto é, o produto do revolvimento de uma zona sepulcral, realizado em época indeterminada. Seja como for, é absolutamente evidente que se trata de algo anterior à instalação do(s) pavimento(s), uma vez que existia uma clara sobreposição, pelo que a ter existido revolvimento foi anterior ao desmantelamento da ermida. A hipótese alternativa destes pavimentos se terem construído já depois dos finais do século XIX e da intervenção de Leite de Vasconcellos parece-nos francamente remota.

Atravessando a área da escavação, no sentido Este-Oeste, verificámos duas realidades contíguas: a primeira, consistia em uma camada de argamassa de cal e areia [UE 47] que, num primeiro momento, pensámos que pudesse ser a base do alicerce da parede Norte da ermida,

isto é, uma realidade em estado de conservação análogo ao observado na [UE 44] da **Sondagem A1**, mas que verificámos tratar-se da presumível cobertura de uma sepultura, aberta no substrato de rocha; a outra, era uma camada bastante solta [UE 6], com numerosos materiais, entre os quais fragmentos de época romana, mas também elementos mais recentes, que preenchia uma fossa [UE 46], de feição subrectangular, rasgada na rocha de base (Fig. 15). A escavação da camada [UE 6] acabaria por revelar um enterramento, de características muito pouco “ortodoxas”, que denominámos *enterramento 1* (Fig. 15). Esta designação difere da utilizada para a *sepultura*, identificada na **Sondagem 1B**, porque esta se encontra construída com lajes de xisto, enquanto que a realidade aqui observada consiste unicamente numa deposição feita em fossa, rasgada no substrato rochoso. Isto é, a garantia de uma eventual finalidade primária como espaço sepulcral, que temos para uma, não resulta tão evidente para a outra. Na fossa [UE 46] encontrava-se depositado um indivíduo de grande porte, deitado em decúbito lateral direito, com a cabeça a Oeste. A flexão das pernas e a posição da coluna vertebral sugeria mais uma deposição descuidada, do que um enterramento formal, cumprindo procedimentos rituais (Fig. 15). Pela associação de materiais encontrada no seu interior, pareceu-nos que se trataria do resultado de uma acção moderna, eventualmente relacionável com a ermida e portanto, fora dos interesses do nosso projecto. Após o reconhecimento da posição do corpo, optámos por voltar a cobri-lo sem proceder ao seu levantamento, por nos parecer não haver razão para tal. A intervenção nesta sepultura acabou por ser útil, também, para precisar a natureza da [UE 47]. De facto, na zona onde ambas as unidades — a fossa [UE 46] e a camada [UE 47] — contactavam, foi possível observar que sob a camada de argamassa, o topo desta última unidade estratigráfica, se encontra um leito de lajes de xisto dispostas na horizontal, sugerindo tratar-se de mais uma sepultura, neste caso, com os elementos de cobertura intactos (Fig. 15).

Ficou, pois, por esclarecer onde passaria a parede Norte da ermida de S. Miguel e, portanto, se estas sepulturas se encontrariam no seu interior ou já na zona que Gabriel Pereira definiu como o *cerrado* do templo cristão (Pereira, 1889). Tal como sucedeu com a *sepultura 1* de **1B**, por esclarecer ficou se estas estariam relacionadas com o espaço cultural conhecido ou se, eventualmente, poderiam andar associadas a utilizações mais antigas.

Finalmente, a **Sondagem 2B** (Fig. 5), também de orientação Norte-Sul, mas estendendo-se para a área meridional da ermida. Tinha igualmente dois metros de largura e dez de comprimento, embora fosse evidente que a sua extremidade Sul não teria interesse arqueológico, uma vez que a rocha de base aí aflorava. Foi definida na perpendicular da **Sondagem 1B** e também sem testemunhos conservados entre uma e outra, pelo que juntas formavam um *T*, com a barra superior orientada E-O (a **Sondagem 1B**) e a perna, constituída pela **2B**, propriamente dita, e, portanto, desenhando-se de Sul para Norte (Fig. 5).

Aqui, para além das realidades comuns às outras sondagens, designadamente, a camada superficial humosa [UE 0], o nível de entulhos [UE 1], onde se encontraram também abundantes fragmentos de estuques pintados, e a grande interface de destruição [UE 50], ambas resultantes do desmantelamento da ermida, foi possível identificar as seguintes realidades: uma espessa estrutura, constituída por uma parede de alvenaria [UE 25], de cerca de 40 cm de espessura, que se desenvolvia em altura e se apoiava num alicerce mais largo, igualmente de alvenaria [UE 26], ambos de orientação Este-Oeste. Esta estrutura articulava-se com os restos de uma outra parede [UE 34], mal conservada, mas onde era visível, ainda, um resto de reboco de argamassa de cal. Estas duas pequenas paredes articulavam-se com um resto conservado de pavimento em tijoleira [UE 10], assente sobre argamassa de cal (Figs. 16, 20 e 21). Se estava correcta a nossa observação, e também a planta esboçada por Gabriel Pereira, deveria tratar-se do anexo Sudo-



Fig. 16 Perspectiva da sondagem 2B/2C a partir de norte.

este da ermida de S. Miguel. No limite Oeste da sondagem, era visível a existência de uma parede de alvenaria [UE 35], aparentemente em bom estado de conservação (entenda-se, comparada com as outras), de orientação E-O, que se desenvolveria para a área não sondada. O prolongamento, para nascente, dessa estrutura tinha desaparecido por completo embora se conservasse um rasgão na rocha, preenchido por argamassa de cal [UE 37]. De qualquer modo, para Sul, a rocha aflorava, limitando por esse lado a área construída (Figs. 16 e 21).

Perante o bom estado de conservação das estruturas em toda esta área Este — entenda-se, bom estado, na medida em que permitia uma leitura em plano da antiga ermida, sem as dificuldades observadas nos outros locais sondados —, optámos por alargar as áreas de trabalho, de molde a permitir uma leitura conclusiva das realidades em observação. Assim, usando como limite Sul os pontos onde a rocha aflorava, mas também a indicação que tínhamos da parede, sugerida pelo alinhamento [UE 35 - UE 37], e do que seria a sequência da parede [UE 30], marcámos um novo sector e 15 metros quadrados, que prolongava para Este a **Sondagem 2B** e, na prática, ampliava para Sul um segmento da **1B** (Figs. 5 e 21). Chamamos a esta nova área **2C**. Por outro lado, ampliámos para Norte a **Sondagem 2B**, num rectângulo de 2 x 4 metros, 8 metros quadrados no total, que designámos por **1C**. No entanto, a continuação dos trabalhos revelaria a necessidade de ampliar ainda mais esta zona pelo que acrescentámos mais oito metros quadrados a Norte, e chamámo-lhe **1D**. Esta opção revelou-se correcta, por tudo o que nos possibilitou observar e esclarecer.

Na área abrangida pela **Sondagem 2C**, havia um grande bloco de mármore com uma pia (Fig. 6), também à superfície e já claramente fora de qualquer contexto primário, assente sobre a camada humosa de superfície [UE 0], pelo que optámos por o remover para a encosta. Uma vez mais, após a retirada deste estrato superficial, identificava-se a pouco compactada camada de entulhos [UE 1], relacionada com a demolição da antiga ermida [UE 50].

A ampliação **2C** permitiu observar as seguintes realidades: por um lado, a continuação da [UE 37], mal definida e sempre caracterizada, sobretudo, pela presença de uma camada de argamassa de cal depositada sobre a rocha. Esta extremidade da zona escavada estava muito perturbada por revolvimentos modernos, parcialmente colmatados, mas com a presença de lixos absolutamente esclarecedores (garrafas e plástico). A esquina Sudeste da ermida não se conservava já, mas a identificação do prolongamento da parede [UE 30], que se limita a uma fina estrutura de alvenaria [UE 38], no seu limite Sul, e a orientação da [UE 7] são a nosso ver suficientes para identificar a zona onde se encontraria. A registrar há o facto de termos identificado dois novos grandes blocos paralelepípedicos de gneiss, no seguimento do anteriormente observado e definindo um alinhamento para Sul (Figs. 16 e 21). Também estes blocos estavam cobertos pela alvenaria com argamassa de cal. Uma vez mais, não foi possível determinar se teriam sido afeiçoados e colocados de molde a constituir o alicerce da parede Este da ermida ou se constituíam alguma construção primitiva que foi reaproveitada.

O prolongamento para Nascente do pavimento [UE 10] estava mal conservado, limitando-se, em muitos casos somente aos negativos dos tijolos, impressos na argamassa de cal que, apesar de tudo se conservava (Figs. 16, 20 e 21). A Este, o pavimento fora cortado por uma acção antiga, que define uma interface de destruição [UE 42] e que pôs a descoberto várias realidades distintas. Por um lado, uma sequência de estratos, parcial ou totalmente cobertos pelo pavimento [UE10], por outro, duas sepulturas, uma de grande dimensão e outra pequena (*sepulturas 2 e 3*), estruturadas com lajes de xisto, que ficaram parcialmente a descoberto, ainda que se prolongassem para debaixo dessa sequência estratigráfica, sobretudo a maior delas (Figs. 16, 17, 18, 19 e 21).



Fig. 17 Sepultura n.º 3, na sondagem 2B/2C.

Junto do pavimento de tijoleira [UE 10] e prolongando-se para Nascente podia observar-se um estrato [UE12] de terras castanhas acinzentadas pouco compactadas que se sobrepunha a um outro [UE 13], que constituía uma delgada superfície de argamassa de grão fino, por sua vez, sobrepondo-se a novo estrato de escassa compactação, mas com alguns pequenos blocos de pedra [UE 14]. Este último estrato preenchia totalmente a *sepultura 3*, uma pequena caixa de xisto [UE 21], com cerca de 60 x 30 cm, apenas parcialmente conservada, implantada numa fossa aberta na rocha [UE 22], revolvida e esvaziada do seu conteúdo original (Figs. 16, 17 e 21). Esta mesma camada enchia parcialmente a *sepultura 2*, uma caixa de xisto com cerca de 180 x 50 cm [UE 19], relativamente bem conservada, ainda que já sem vestígios das lajes de cobertura (Figs. 16, 18, 19 e 21). Esta última sepultura foi também implantada numa fossa aberta na rocha [UE 20], para melhor acomodar as grandes lajes que a compunham, os seus construtores encheram os limites da fossa com uma camada de terra e pedras [UE 18] (Figs. 18, 19 e 21).

Esta sequência de camadas embora, uma vez mais, não fosse particularmente rica em materiais arqueológicos, acabou por revelar alguns interessantes, designadamente duas moedas medievais portuguesas, de momento ilegíveis, na [UE 12], e uma moeda romana da segunda metade do século IV, que só depois de limpa poderá ser convenientemente classificada, mas que se enquadra no tipo *Gloria Romanorum*, provavelmente de Valentiniano I, encontrada na [UE 14], justamente na zona que preenchia o interior da *sepultura 2*.

As sepulturas, propriamente ditas, apresentavam distintas situações, no que respeita à sua conservação. De facto, a *sepultura n.º3* [UE 21] conservava somente três dos seus lados e, tombada no interior, uma laje que poderia ter pertencido à cobertura ou à parede em falta (Fig. 17).



Fig. 18 Aspecto de uma fase da escavação da sepultura 2.



Fig. 19 Sepultura 2, na sondagem 2B/2C.

O seu desenho tornou-se evidente logo após a remoção da camada de entulho [UE 1], que se depositava sobre uma interface de destruição mais antiga [UE 42], de cronologia indefinida (Figs. 21, 27 e 33). A tratar-se de uma estrutura sepulcral para inumação, destinava-se por certo a um corpo infantil. Não encontrámos qualquer evidência que nos esclarecesse sobre o seu conteúdo original. A *sepultura n.º 2* apresentava-se mais bem conservada. Fora também vítima de uma violação antiga (Fig. 16), ao que tudo indica no mesmo momento em que foi revolvida a anterior [UE 42]. Por se encontrar em depósito de enchimento mais recente, na [UE 14], não se pode considerar que a citada moeda romana sirva como elemento de datação, quer para a sua construção/utilização, quer para o posterior revolvimento, ainda que se possa igualmente admitir uma associação a qualquer destes processos. Acrescente-se que são bem conhecidos os casos em que moedas da Antiguidade Tardia são reutilizadas em contextos fúnebres de épocas bastante mais recentes. A sua construção era facilmente perceptível e terá obedecido à seguinte sequência: foi aberta uma fossa na rocha de base [UE 20], onde foi instalada uma caixa feita de grandes lajes de xisto [UE 19], finalmente a área envolvente, no interior da fossa, foi preenchida com terra e pedras de pequena dimensão [UE 18], para consolidar a estrutura (Figs. 18, 19, 21, 27 e 33). Uma vez mais, a parte inferior da sepultura ficou a descoberto logo após a remoção da [UE 1]. As lajes laterais, de maior comprimento encontravam-se parcialmente deslocadas e faltava qualquer elemento associável a uma cobertura. A escavação do seu interior veio a revelar algumas peculiaridades interessantes. Em primeiro lugar, encontrámos um conjunto de ossos humanos amontoados a um canto do topo Oeste, sugerindo tratar-se do produto da violação (Fig. 18). Contudo, no fundo da sepultura e depositado directamente sobre a rocha de base, encontrámos as extremidades dos membros inferiores de um corpo, ainda em conexão anatómica (Fig. 19). Tratou-se, pois, de uma inumação, que foi apenas parcialmente revolvida. O ossário encontrado na zona da cabeceira, tanto pode pertencer ao mesmo corpo, como ser o produto de uma anterior inumação, deslocada para



Fig. 20 Pormenor de estátua de mármore visível junto ao pavimento de tijoleira UE 10.

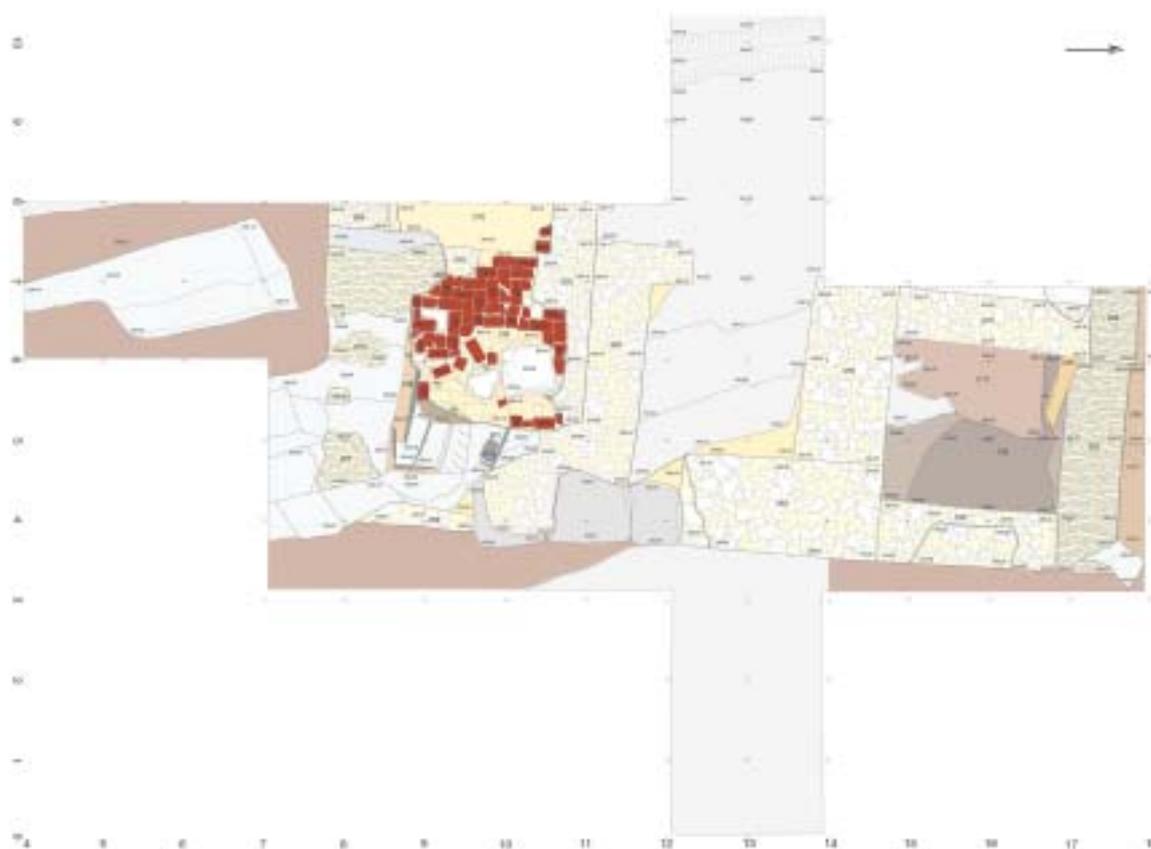


Fig. 21 Planta composta dos sectores 1B, 2B/2C, 1C/1D após a retirada da UE 1.

ali aquando da realização de um novo (e derradeiro) enterramento. Somente o estudo antropológico do conjunto o poderá esclarecer.

A relação física entre estas sepulturas e o pavimento de tijoleira [UE 10] definem claramente estas deposições como realidades anteriores à implantação do último pavimento que a ermida conheceu (Figs. 16, 21, 29 e 33). No entanto, por falta de elementos de cronologia segura, não é possível saber se teriam pertencido a uma fase de ocupação francamente anterior à ermida de S. Miguel ou a um momento antigo da existência deste templo cristão.

Mas, sem dúvida alguma, as realidades mais notáveis que identificámos na área desta sondagem foram um conjunto escultórico de época romana, que se encontrava depositado numa cavidade da rocha de base. O primeiro indício da sua presença foi revelado logo após a remoção da [UE 1], a camada de entulho que resultou da demolição da ermida, tratava-se de um fragmento de mármore, exibindo um pregueado que era visível no limite Norte do pavimento de tijoleira [UE 10], em zona onde o mesmo já se não conservava, sendo evidente que se prolongava para debaixo dele (Figs. 16, 21 e 22). A remoção da sequência das camadas [UEs 10, 12, 13 e 14] foi pondo a descoberto uma escultura feminina de grandes dimensões, que se prolongava para debaixo da parede [UE 25] – (Figs. 20, 21 e 22). Por essa razão, optámos por desmontar o que restava dessa parede, bem como o alicerce [UE 26] sobre o qual assentava (Fig. 22). Assim pusemos a descoberto um impressionante conjunto de seis esculturas romanas, mutiladas, todas usadas como entulho para preencher uma cavidade natural do substrato rochoso (Figs. 23 a 29). Sobre este enchimento foi



Fig. 22 Escavação do sector 2B/2C, após a retirada do pavimento UE 10.

depois parcialmente implantado o alicerce [UE 26] e a parede [UE 25]. Justamente na desmontagem do alicerce [UE 26], que se afigurou indispensável para a recuperação do conjunto escultórico, identificámos uma nova árula (epígrafe n.º 3), com a face inscrita voltada para baixo, depositada sobre a rocha (Figs. 23 a 29 e, particularmente, a 38). Era evidente que todo este material se encontrava descontextualizado e reutilizado simplesmente como material de enchimento, à semelhança do sucedido com muitos dos outros exemplares (escultóricos e epigráficos) daqui levados por Leite de Vasconcelos em 1890, as estátuas e outros fragmentos preenchendo a cavidade natural e a árula usada como material de construção. Embora fisicamente muito próximos, era evidente a distinta função dada a uns e à outra (Figs. 23 a 29).

A ampliação para Norte da **Sondagem 1B** foi realizada, primeiro por um pequeno alargamento de mais dois metros **1C**, posteriormente ampliado em área idêntica, que designámos por **1D**. A primeira ampliação destinou-se a escl-



Fig. 23 Escavação da fossa UE 31, vendo-se o conjunto escultórico.



Fig. 24 Outro aspecto da escavação da fossa UE 31.

recer cabalmente o desenho da parede [UE 29], cuja face sul fôra identificada na **Sondagem 1B** (Fig. 21). Após a remoção das camadas superficiais [UEs 0 e 1], onde, uma vez mais, eram abundantes os fragmentos de estuques pintados, foi possível verificar que, mais do que uma parede, se trataria do seu alicerce, com mais de um metro de largura. Perpendiculares a este alicerce e orientando-se para Norte surgiam dois novos alicerces de alvenaria, respectivamente [UEs 27 e 28], delimitando um espaço de cerca de dois metros de largura. Foi justamente o desejo de obter os contornos totais deste compartimento que determinaram a nova ampliação **1D** da área em curso de escavação (Figs. 21, 29 e 31).

Aqui, uma vez mais, verificamos uma sequência inicial análoga à identificada nas outras áreas sondadas, camada humosa de superfície [UE 0], sobrepondo-se a um nível de entulhos [UE 1], com fragmentos de estuques pintados resultante da destruição de 1890 [UE 50]. Nesta camada foi recolhida mais uma moeda medieval portuguesa, que só uma futura limpeza permitirá ler. Sobre o alicerce [UE 29] identificámos um novo bloco de gneiss de grandes dimensões, claramente deslocado, envolvido pela [UE 1] e assentando sobre ele (Figs. 21 e 29).

Na extremidade Nordeste do mesmo, na zona que corresponderia ao cunhal do corpo central da ermida, pudemos observar uma área argamassada, que conservava impresso o negativo da grande ara consagrada a Endovélico por Helvia Avita (IRCP, 496), daqui levada por Leite de Vasconcellos em 1890 (Vasconcellos, 1890 [1938], p. 201) (Fig. 30). Foi o único caso em que conseguimos identificar no terreno a primitiva localização de uma peça recolhida aquando da demolição da ermida. Surpreendentemente, integrado no mesmo alicerce e a menos de um metro deste negativo, encontrámos uma pequena árula fragmentada, falta-lhe a parte superior (epígrafe n.º 1) (Fig. 36). Apesar dos cuidados postos na recolha dos materiais de época romana reaproveitados na construção do templo cristão este elemento terá escapado à atenção dos colaboradores do fundador do Museu Ethnológico, embora estivesse muito próximo da grande ara que removeram para Lisboa. Também esta se encontrava com a face epigrafada voltada para baixo, o que justificaria ter passado despercebida.

A ampliação da área em escavação possibilitou a identificação do que deveria ser o limite Norte do compartimento delimitado pelos alicerces [UEs 27, 28 e 29]. Trata-se, não propriamente de um alicerce, mas antes de uma faixa de argamassa de cal e areia, de orientação E-O, e cerca de 70 cm de largura, que liga o alicerce [UE 27] ao [UE 28]. Na direcção Poente parece prolongado por uma realidade análoga [UE 39]. Ficou, deste modo, delimitado um compartimento que deveria corresponder à extremidade Nordeste do edifício da antiga ermida de S. Miguel da Mota (Figs. 21, 27 e 33). Assim sendo, a zona Nascente do antigo templo apresentar-se-ia bastante mais simétrica do que o esboço de planta de Gabriel Pereira sugeria (Pereira, 1889, Est. IX).



Fig. 25 O conjunto escultórico da fossa UE 31, depois de limpo.



Fig. 26 Outro aspecto do conjunto de esculturas romanas.

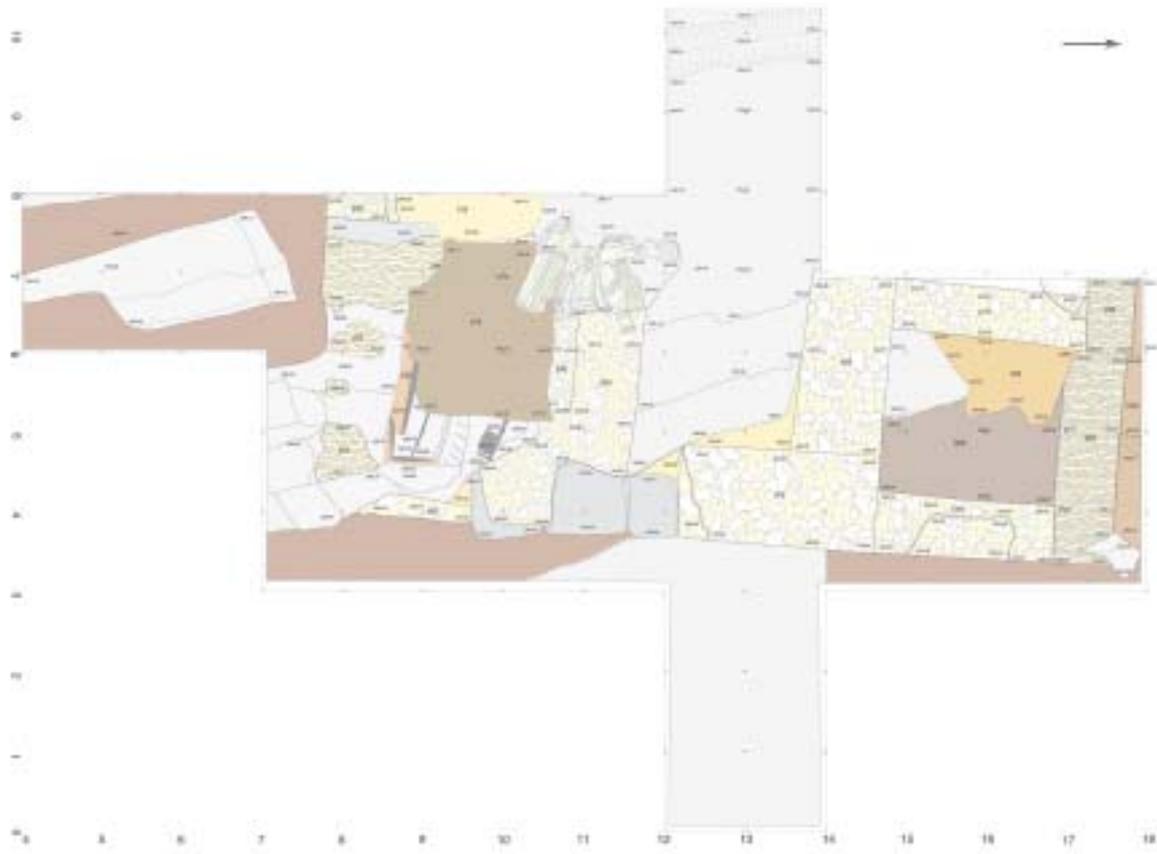


Fig. 27 Planta composta dos sectores 1B, 2B/2C, 1C/1D da fase de construção da ermida.

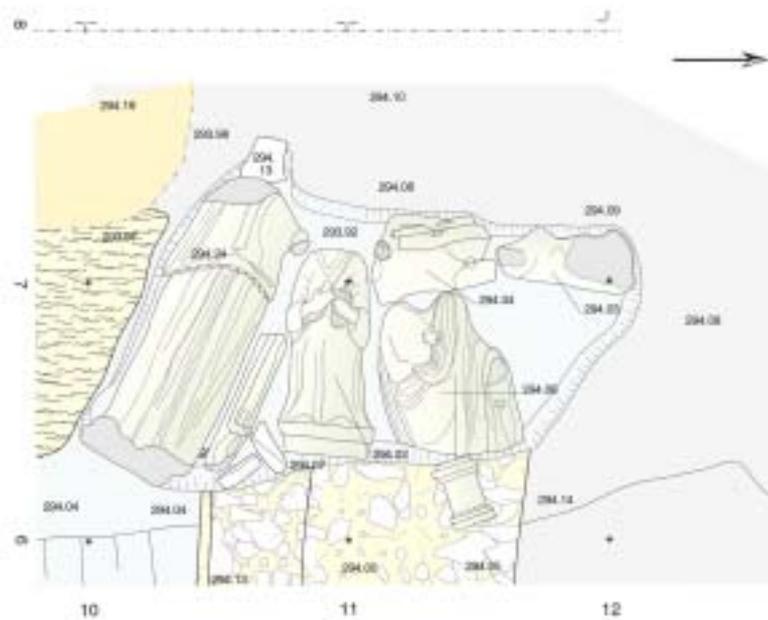


Fig. 28 Detalhe da fossa UE 31, com o conjunto escultórico.

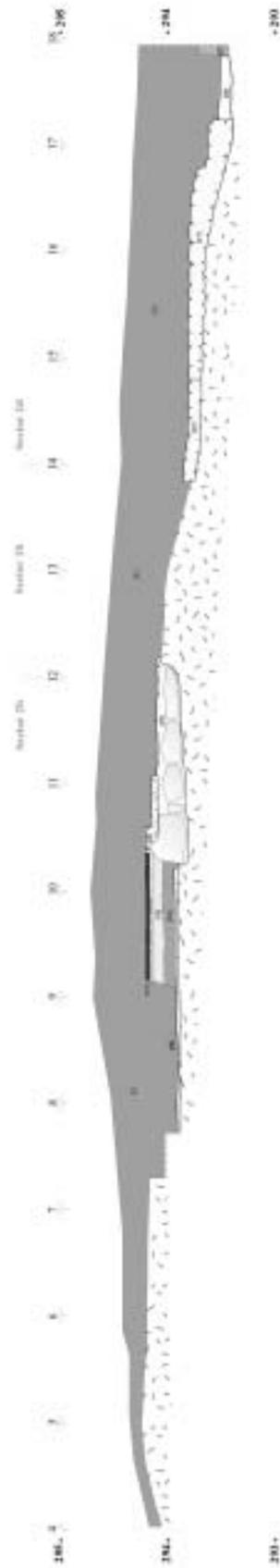


Fig. 29 Perfil S-N dos sectores 2B, 1B, 1C-1D, ao metro 7.

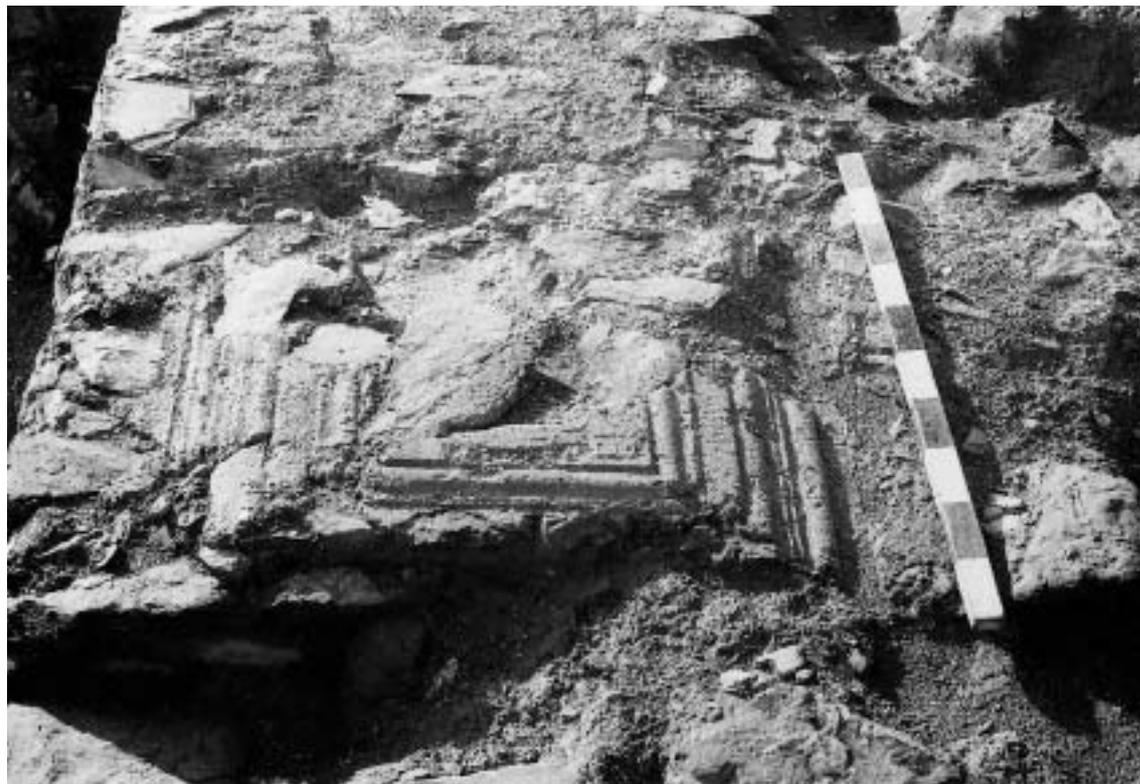


Fig. 30 Aspecto da impressão da grande ara de Hélivia Ávita (IRCP 496) no cunhal nordeste da ermida.



Fig. 31 Perspectiva da UE 23, tirada a partir de norte.



Fig. 32 Limite norte dos sectores 1C/1D.

No topo Norte do alicerce [UE 27], que conservava ainda aderente o reboco, era visível, justamente por uma falha desse mesmo reboco, a parte superior de uma ara de mármore. A limpeza da estrutura nessa zona que implicou, bem entendido, a retirada da argamassa, revelou a parte superior de uma nova ara (epígrafe n.º 2) que escapara também à atenção de Leite de Vasconcellos (Fig. 37). Neste caso, a inscrição estava voltada para o exterior, mas coberta pelo reboco, o que explicará não ter sido detectada.

Encostado ao alicerce [UE 27] e ocupando boa parte da área do espaço definido pelos três alicerces identificamos um estrato compacto, com pequenas pedras [UE 11], que poderá ter sido um piso, eventualmente o mais recente que este compartimento conheceu. Cobria parcialmente um novo estrato [UE 15] que se desenvolvia sobretudo para a zona norte do mesmo espaço (Figs. 27 e 33). Sob estes estratos identificava-se uma nova realidade [UE 23] de matriz argilosa e com zonas fortemente avermelhadas (Fig. 31). As principais novidades que este estrato nos trouxe foram, em primeiro lugar, maior abundância de fragmentos cerâmicos de época romana, designadamente fragmentos de *tegulae*, e uma compactação peculiar sugerindo ter resultado de um processo de sedimentação mais antigo do que as restantes realidades escavadas até então. Sob este estrato, identificámos um novo [UE 24], que cobria o substrato rochoso (Fig. 33). Este estrato [UE 24] pode considerar-se o resíduo de uma ocupação antiga, de época tardo-romana. Para além de alguns fragmentos cerâmicos, como por exemplo, um bico fundeiro de ânfora de fabrico lusitano (Fig. 34, n.º 1), provavelmente pertencente a uma peça da Classe 23 (= Almagro 51c), entregou também um anel em bronze, com uma decoração reticulada, desenhada a buril, e uma moeda, um pequeno bronze do tipo *Victoriae DD* de um dos sucessores de Constantino, talvez Constâncio II — uma futura limpeza permitirá, por certo, uma identificação mais categórica.

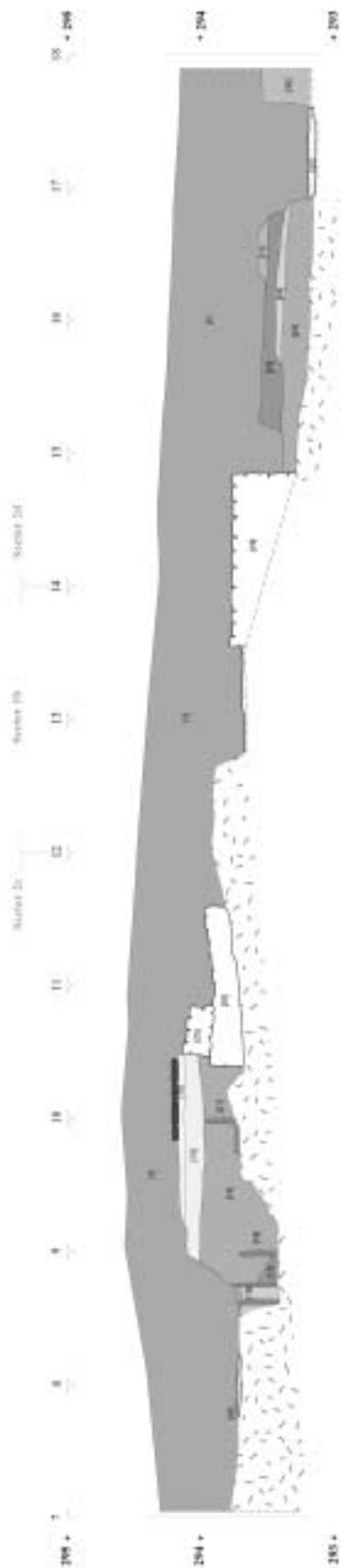


Fig. 33 Perfil S-N dos sectores 2B, 1B, 1C-1D, ao metro 5.

No corte Norte desta última sondagem, parece evidente a existência de uma estratigrafia conservada, provavelmente em área já fora da que ocupava a ermida de S. Miguel (Figs. 32 e 33). No Corte Oeste observam-se também outras realidades estratigráficas não totalmente esclarecidas, designadamente o que parece ser uma profunda fossa de abertura relativamente recente.

### 3. Principal espólio recolhido

O principal espólio recolhido, embora não seja especialmente abundante é bastante diversificado e particularmente rico. Distribui-se por diferentes categorias merecedoras de comentários específicos.

#### 3.1. Espólio cerâmico

Já comentámos os materiais encontrados nas prospecções, importa agora referir, sobretudo, o recolhido nas sondagens.

Foi identificada uma apreciável quantidade de material de construção e cobertura de época romana reutilizado nas alvenarias da ermida de S. Miguel, bem como, naturalmente, vários fragmentos de cerâmica de época moderna, que não interessam directamente ao tema da nossa investigação.

De entre o material de época romana, deve assinalar-se a presença de 5 fragmentos de *terra sigillata* hispânica, aparentemente artigos de Trício, de que somente um pequeno fragmento encontrado na [UE 6] permite classificação segura: trata-se de uma forma 37-A, decorada com círculos contíguos (Fig. 34, n.º 1). Pela exiguidade do fragmento não é possível ser mais explícito na caracterização, provavelmente circunscrevendo algum motivo indeterminado. Sublinhe-se que apesar de ter sido recolhido no interior da *sepultura 1*, não tem valor como elemento datante da mesma, já que se encontrava acompanhado de outros fragmentos modernos. Os restantes foram recolhidos na camada de entulhos resultante da destruição da ermida [UE 1]. De entre eles, merece destaque um pequeníssimo fragmento de bordo biselado que poderá pertencer a uma forma Drag. 33 (Fig. 34, n.º 2). Os outros três são fragmentos indiferenciados. Regista-se esta curiosidade de serem hispânicos todos os exemplares de *sigillata* recolhidos nas sondagens, contrariamente ao sucedido nas prospecções. Contudo, sublinhe-se que nenhum deles pertence à fase tardia da produção (Mayet, 1984). É pois meramente fortuita esta ocorrência e em nada contribui para marcar uma diferença cronológica relativamente à zona da encosta.



Fig. 34 Os fragmentos significativos de *sigillata* hispânica recolhidos nas escavações.

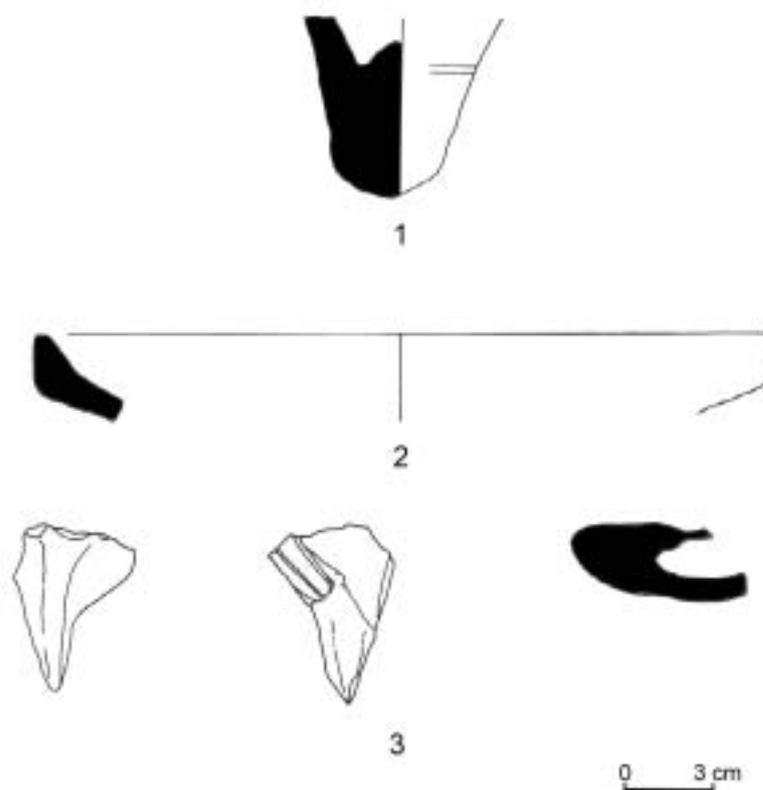


Fig. 35 Os materiais tardios recolhidos nas escavações.

Na mesma camada de entulhos [UE 1], por isso, fora de qualquer contexto primário, foram recolhidos dois fragmentos cerâmicos que merecem um particular comentário. O primeiro, um bordo de um prato, com parede recta, de *sigillata clara D*, pertence à forma Hayes 61, datável do século IV e V d.C. (*Atlante I*, p. 83-84) (Fig. 35, n.º 2). O segundo é um fragmento de lucerna da forma dita “Africana clássica” (*Atlante X*), mas de fabrico comum. Conserva-se sobretudo a asa maciça, com uma pequena área aderente, onde se observa o início da orla, parte do reservatório e o início do fundo (Fig. 35, n.º 3). A pasta é bem depurada, com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão (quartzo, mica e xisto identificáveis), coberta por uma aguada cuidadosamente polida. Apresenta-se muito manchada com colorações oscilando entre o castanho avermelhado (Mun. 5 YR 5/3) e o cinzento avermelhado (Mun. 5 YR 5/2), o negro e o cinzento. A orla apresenta molduras, mas que não sabemos se incluíam decorações, por se conservar somente uma pequeníssima área. Esta forma, conhecida sobretudo nos seus fabricos em *sigillata clara*, encontra-se amplamente difundida, num âmbito cronológico que abrange desde os fins do século IV ao VI d.C. (*Atlante I*, p. 200-202), no caso vertente, por se tratar de uma peça que não é seguramente africana, afigura-se impossível uma maior precisão cronológica. Saliente-se que estas duas peças apresentam a particularidade de confirmar a cronologia tardia dos materiais encontrados na área da ermida de S. Miguel que já Leite de Vasconcellos observara.

### 3.2. *Objectos metálicos e de vidro*

De entre os objectos metálicos, haverá a assinalar vários pregos em ferro, provavelmente pertencentes à estrutura da ermida de S. Miguel e alguns outros fragmentos de artefactos de problemática datação, designadamente uma folha de instrumento agrícola e um fragmento de arreiro, que tanto poderão remontar à época romana, como ser objectos mais recentes.

Em bronze, regista-se a presença de um anel com decoração reticulada 3 moedas medievais portuguesas e 2 romanas: *Gloria Romanorum* de Valentiniano I e *Victoriae DD*, talvez de Constâncio II.

Uma conta de vidro translúcido, provavelmente moderna, foi recolhida também na [UE 1].

### 3.3. *Achados epigráficos*

O sítio de S. Miguel da Mota, onde se localizava o santuário de Endovélico, proporcionou até ao momento o mais notável conjunto de inscrições dedicadas a uma única divindade, em todo o território hispânico. Trata-se, por isso, de um lugar excepcional sob este ponto de vista e esse carácter de excepção é acentuado pela circunstância de a divindade aí cultuada pertencer ao panteão pré-romano.

O repertório conhecido até ao início da intervenção cujos resultados agora se apresentam era constituído por 85 inscrições, entre as quais se inclui um número significativo de fragmentos. De entre estes, cerca de uma dezena é tradicionalmente integrada no conjunto de votos a Endovélico apenas por aparecer naquele sítio arqueológico, não contendo qualquer elemento que permita garantir que o nome da divindade constasse do texto epigráfico.

Todavia, a dedução parece legítima, uma vez que esta ausência se deve ao carácter fragmentário desses textos epigráficos, sendo muito provável que todas as aras contivessem o conhecido teónimo, ainda que abreviado. Não é possível, porém, determinar que forma apresentava a invocação teonímica, atendendo ao número considerável das variantes até ao momento atestadas.

A intervenção em S. Miguel da Mota permitiu verificar que os trabalhos em diversos momentos aí conduzidos por Leite de Vasconcellos pretenderam ser exaustivos, levando até aos alicerces a busca dos materiais romanos reutilizados na construção da capela cristã. Por essa razão, após essa constatação decorrente das primeiras sondagens, não se previa o aparecimento de qualquer vestígio epigráfico inserido nas paredes desse edifício tão profundamente espoliado. Por isso, constitui, em certa medida, uma surpresa a descoberta de um fragmento de ara de pequenas dimensões, reaproveitado como material de construção na parede [UE 29], designada como a epígrafe n.º 1 (Fig. 36). A continuação dos trabalhos permitiu explicar de uma forma clara este e os outros achados: apesar de a ideia subjacente à intervenção de Leite de Vasconcellos ter sido a de retirar todos os elementos marmóreos das construções, por razão que se desconhece houve pelo menos uma parte do edifício que não foi integralmente pesquisado, restando alguns alicerces de muros, provavelmente por se situarem consideravelmente abaixo do nível de utilização da capela de S. Miguel.

Por outro lado, verifica-se que as novas descobertas epigráficas correspondem a blocos marmóreos de pequenas dimensões, o que justificará parcialmente o facto de terem passado despercebidos.

De facto, os trabalhos conduzidos em 2002 puseram em evidência um dos mais sintomáticos vestígios do que deveria ter sido a pesquisa feita entre os finais do século XIX e o início do seguinte. No cunhal nascente, formado pelo encontro das paredes [UEs 29 e 30], do edifício foi possível observar o negativo de uma ara de grandes dimensões, que actualmente se encontra no

Museu Nacional de Arqueologia (IRCP, 496), pelas marcas deixadas na argamassa sobre a qual o bloco assentou (Fig. 30). O aparecimento de elementos marmóreos na superfície das estruturas do templo cristão arruinado deveria ser um indicador essencial para os trabalhadores e pode ter sido precisamente a sua ausência que, em parte, justificou o facto de se terem deixado alguns vestígios do seu alicerce.

As **Sondagens 1D e 2B** acabaram por revelar duas ámulas epigrafadas: uma fragmentada, inserida na parte mediana do muro [UE 27], junto ao limite norte dessa sondagem que designamos como epígrafe n.º 2; e outra, inteira, junto do conjunto escultórico descoberto: epígrafe n.º 3 (Figs. 23, 25-28 e 38).

#### EPÍGRAFE N.º 1 (Fig. 36):

Fragmento de ámula de mármore, presumivelmente de origem local, a que falta a parte superior, incluindo todo o capitel e o topo do campo epigráfico. Algumas fracturas mais circunscritas do lado inferior esquerdo, afectaram igualmente o início da segunda linha do texto e a base da ara, sendo esta marcada por uma moldura de gola reversa.

**Dimensões:** alt. máxima: 15,6 cm; larg. 10,0 cm; esp. 6,2 cm:

**Campo epigráfico:** 9,1 cm x 8,3 cm

**Altura das letras:** l. 2: 1,1 (D 1,3); l. 3: 1,2 (T 1,4); l. 4 C 1,5, S 1,8.

**Espaçamento:** e. 3: 1,6; e. 4: 0,7; e. 5: 0,8-1,1.

Apesar da natureza fragmentária do monumento e das alterações sofridas pelo campo epigráfico, é possível, com as naturais reservas, restituir a inscrição:

**[Deo En] / douell[ico] / [e]x uoto / C. S.**



Fig. 36 A epígrafe n.º 1.

**Tradução:** Na sequência de uma promessa, C. S. consagrou ao deus Endovéllico.

Apesar de se configurarem outras possibilidades de restituição da primeira linha, entre elas uma alternativa D(eo) S(ancto), parece-nos muito mais viável a proposta apresentada, correspondente a um dos modelos mais frequentes no repertório de S. Miguel da Mota, dado que o elemento *Deo* ocorre mais de vinte vezes em situação idêntica, isto é, a preceder o teónimo.

As abreviaturas finais, cujo desenvolvimento é incerto, ainda que teoricamente se pudessem admitir outras hipóteses, devem corresponder à identificação do(a) dedicante. De resto, a redução da identidade do cultuante apenas às iniciais ocorre em outras epígrafes do mesmo santuário, nomeadamente em IRCP 528, 530, 531 e 523 (poder-se-ia eventualmente juntar ainda a este grupo a ámula IRCP 532). Em IRCP 523 atesta-se a sequência C. S. C., a qual repete, certamente por mero acaso, a parte inicial do exemplo vertente. Registe-se, por fim, a circunstância de todos estes monumentos terem em comum o facto de corresponderem a aras de pequenas ou muito pequenas dimensões, o que explica de alguma forma a tendência para se reduzirem a abreviaturas alguns elementos textuais.

**EPÍGRAFE N.º 2 (Fig. 37):**

Fragmento de arúla de mármore branco, trabalhada nas quatro faces, de que se conserva a parte superior. No topo da cornija apresenta dois toros apenas esboçados e um fastígio quadrangular. Por baixo, uma moldura constituída por filete simples.

**Dimensões máximas:** 22,9 x 16,2 x 7,9 cm

**Campo epigráfico:** 12,1 x 14,6 cm

**Alturas das linhas:** l. 1: 1,5 (O) - 3, 0 (D); l. 2: 2,0 (S 2,6), (O 1,7); l. 3: 2,6 (O 2,1).

**Altura dos espaços:** e. 1: 0,7; e. 2: 0,5-0,9; e. 3: 0,6-0,9; e. 4: 0,6.

**Texto:** **D(eo) d(omino) Ennou(olico) / uotus / Sestio/nis + [---] / ---**

**Tradução:** Promessa de Sestião ao deus senhor Enovólco...

Monumento que denota um trabalho menos cuidado, tanto na gravação do texto como, de uma forma geral, em todos os aspectos que envolvem o trabalho de lapicida. Apresenta uma paginação à esquerda, com características paleográficas típicas da cursiva, nomeadamente no início da inscrição: os dois DD iniciais, de forma afim da correspondente letra minúscula actual; e o E, representado por dois traços verticais.

Para além disso, o texto revela uma série de particularidades pouco habituais no repertório epigráfico respeitante a Endovélco.

A forma teonímica *Ennou(olico)*, a qual, apesar das hesitações sobre o último signo conservado, nos parece preferível a *Ennob(olico)*, encontra apenas paralelo na inscrição IRCP 519, onde se regista a variante *Enobolico*. A novidade, correspondente à consoante dupla, encontra plena justificação no facto de resultar de um processo de assimilação *-nd- > -nn-*, que se atesta igualmente em outros nomes do Ocidente hispânico (Cfr. As variantes do topónimo da Lusitânia meridional *Arandis*, *Arannis* e *Araní*). Esta ocorrência fornece, deste modo, a forma intermédia entre *Endouelico* e *Enobolico*.

A interpretação dada à abreviatura inicial tem em consideração a abundância do termo *deo*, no conjunto epigráfico de S. Miguel da Mota. Deve, todavia, assinalar-se que não se registou até ao momento, no culto a esta entidade divina, nenhum caso em que ocorra a invocação *deo domino*. Como fundamento desta opção, toma-se em linha de conta o núcleo de dedicatórias a Atégina, onde esta sequência se encontra bem representada.

A ocorrência do termo *uotus* em nominativo constitui uma clara excepção no quadro da epigrafia hispânica. Nas inscrições espera-se geralmente *uotum*, numa sequência do tipo *uotum soluit*, ou a expressão *ex uoto*. Tendo em consideração outros casos idênticos (por exemplo, *ara* em vez de *aram*), seria admissível que este nominativo estivesse por um acusativo. Neste caso, seria viável considerar que, na parte desaparecida do texto, se indicasse o nome da pessoa que se encarregou de cumprir a promessa de Sestião. De qualquer modo, ainda que inesperado, é teoricamente possível não haver lugar a qualquer correcção, por se desconhecer realmente toda a sequência em que o termo *uotus* se enquadra e pelo facto de o texto conservado admitir teoricamente uma situação de nominativo.

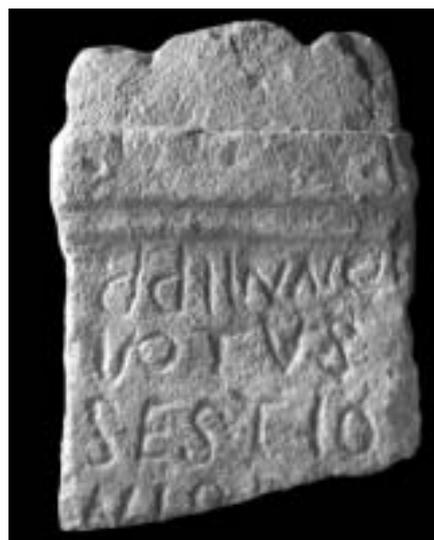


Fig. 37 A epígrafe n.º 2.

**EPÍGRAFE N.º 3 (Fig. 38):**

Árula de mármore branco, trabalhada nas quatro faces. Apresenta duas fracturas do lado direito, uma que atingiu a base e outra que afectou parte da cornija, que contém o início do texto epigráfico, igualmente afectado. Sobre a cornija um plinto de forma paralelepipedica, em cuja parte frontal se definem dois quartos de círculos, representando os toros, e um pequeno frontão triangular. Por baixo da cornija uma moldura de gola directa. A base é constituída por um plinto, sobre o qual assenta uma moldura de gola inversa.

**Dimensões máximas:** 28,8 x 15,5 x 8,6 cm

**Campo epigráfico:** 10,1 x 12,7 cm

**Alturas das linhas:** l. 1: 1,5; l. 2: 1,8 (O 1,4); l. 3: 2,1 (C 1,9); l. 4 VS 2,5; AL 2,0; l. 5: 2,0.

**Altura dos espaços:** e. 1: 0,4; e. 2: 0,2-0,5; e. 3: 0,5; e. 4: 0,5; e. 5: 0,1.

**Texto:** **Endoue[ll]/eco d(eo) s(acrum) Tu/rreciaI+ /+ a(nimo) l(ibens) u(otum) s(oluit) / f(aciendum) c(urauit)**



Fig. 38 A epígrafe n.º 3.

**Tradução:** Consagrado ao deus Endovéllico. Turrécia...?... de bom grado pagou a sua promessa e mandou fazer (*uel* o filho mandou fazer).

Numa paginação pouco cuidada e tendencialmente alinhada à esquerda, aprecia-se uma gravação pouco profunda e irregular, manifestada tanto na dimensão das letras como no seu *ductus*.

A forma teonímica *Endoueleco* regista-se aqui pela primeira vez. Trata-se, aparentemente de uma variante da mais habitual, *Endouelico*, apresentando neste caso uma alternância vocálica muito frequente no Ocidente hispânico. No entanto, seria em última análise possível ver, na variante agora documentada, uma evolução do ditongo *-ae-*, tão característico da Lusitânia e Galécia antigas. Esta hipótese conferiria maior consistência à possibilidade, já anteriormente admitida por Vasconcellos, Búa e J. C. Ribeiro (Ribeiro, 2002), de o teónimo ser um derivado de um nome de lugar.

A interpretação da abreviatura D. S. não é de todo pacífica. Ainda que a invocação do nome de Endovéllico se associe maioritariamente aos elementos *deo* e *sacrum*, o que justificaria a opção acima tomada, não é de excluir a possibilidade de a mesma sequência corresponder a *deo sancto*, sequência documentada em várias epígrafes (IRCP 484, 507, 531).

Devido aos problemas de conservação do monumento, a identificação do dedicante não é de todo clara. Aparentemente regista-se a sequência TVRRECIAIEA, a qual, para além de única, atestaria o uso cumulativo de uma série de sufixos pouco habitual. Deve, por isso, manter-se sob reserva esta interpretação.

Sugerem-se, para o desenvolvimento das abreviaturas da última linha, duas das mais prováveis hipóteses: a conhecida fórmula, muito habitual em inscrições funerárias ou honoríficas, mas rara nas votivas; ou uma alternativa do tipo *f(ilius) c(urauit)* ou semelhante, que

apontaria para uma diferenciação entre a pessoa que beneficia da intervenção divina e a que se encarrega da colocação do monumento, como se verifica em outras inscrições associadas ao culto de Endovélico (IRCP 514, 527, 484, 494, 504, 515, 519, 534).

Finalmente, merece um breve comentário um fragmento indiferenciado, provavelmente de ânfora, fabricado na área da bacia do Guadalquivir recolhido nas prospecções da vertente nascente da crista onde se erguia a ermida de S. Miguel (F 1 A/B). O fragmento apresenta um grafito após-cozedura, feito provavelmente quando a peça original se encontrava já fragmentada. Apresenta um único carácter, um **E** em letra capital, com a particularidade de parecer imitar a gravação epigráfica, alargando a parte terminal das barras horizontais. Não deixa de ser significativo que este signo corresponda precisamente à inicial do nome da divindade.

### 3.4. Conjunto escultórico

As estátuas encontraram-se nas circunstâncias já descritas (Figs. 20 a 28). De todas as esculturas conhecidas do Santuário de Endovélico de São Miguel da Mota, incluindo as recolhidas por Leite de Vasconcellos e estudadas por J. L. de Matos (1995) e Vasco de Souza (1990), estas são as maiores e melhor conservadas.

Trata-se de tipos conhecidos da estatuária romana, datáveis nos séculos I e II d. C., correspondendo assim ao âmbito cronológico anteriormente estabelecido pelas esculturas já conhecidas ou pelos atributos internos das epígrafes e agora confirmado pelos resultados das nossas prospecções no local. São todas de mármore, cujas características parecem ser, em observação macroscópica e preliminar, uma vez que as peças ainda não estão limpas, suficientemente análogas para supor uma mesma origem da matéria-prima.

Infelizmente, não existe investigação sobre os mármore lusitanos e a sua exploração em época romana, à excepção da pedra da Herdade da Vigária, em Vila Viçosa, que estaria em exploração na época flaviana (Alarcão e Tavares, 1989). Por este motivo, todos os comentários relacionados com a proveniência dos mármore se baseiam em observações empíricas, com um valor limitado. Por exemplo, para o Padre Espanca era evidente que todos os mármore brancos das inscrições e estátuas de S. Miguel da Mota seriam originários das pedreiras de Montes Claros, Bencatel (Espanca, 1882); José d'Encarnação (IRCP) adopta a designação de mármore do tipo Estremoz/Vila Viçosa para os mármore brancos (distinguindo-os dos que considera do tipo Pardais, Alandroal, branco com veios cinzentos). Pelas semelhanças observadas, é lícito pensar também numa procedência local para a matéria-prima das estátuas em apreço e, seguindo as sugestões deste último autor, poderemos classificá-la preliminarmente como um mármore do tipo Estremoz/Vila Viçosa, salvaguardando a possibilidade de obter maior precisão após limpeza das peças ou pelo recurso a futuras investigações arqueométricas.

Conforme se pode ver nas Figs. 23 a 28, as estátuas estavam colocadas lado a lado, numa ordem aparente. Seguindo essa ordem (de Sul para Norte) identificamos:

- N.º 1. Cariátide
- N.º 2. Figura feminina vestida
- N.º 3. Portadora de oferendas
- N.º 4. Togado
- N.º 5. Torso masculino com manto pelo ombro
- N.º 6. Javali

### 3.4.1. Ordenamento da deposição

É visível o carácter intencional do ordenamento das deposições, por várias razões. Em primeiro lugar, três das estátuas, a Cariátide (N.º 1), a Portadora de oferendas (N.º 3), e o Togado (N.º 4), isto é, os exemplares de maiores dimensões, encontravam-se com a parte inferior alinhada, em conformidade com o seu tamanho, independentemente de se encontrarem melhor ou pior conservadas (Figs. 23 a 28). A Figura feminina vestida (N.º 2) foi colocada entre a Cariátide (N.º 1) e a Portadora de oferendas (N.º 3). Como está depositada de lado — e não de costas, como as outras — e ainda de “cabeça para baixo”, dá a impressão, de ter sido das últimas a ser colocada, num momento, em que pelo menos a Cariátide (N.º 1) e a Portadora de oferendas (N.º 3) estavam já ali dispostas (Figs. 23 a 28). As peculiaridades da sua colocação parecem ter correspondido à vontade de preencher um espaço limitado que ficou livre. Do mesmo modo, o Torso masculino com manto pelo ombro (N.º 5) e o javali (N.º 6), também não respeitam o mesmo alinhamento. O primeiro (N.º 5), está colocado com uma orientação diversa, formando um ângulo recto com a parte superior do Togado (N.º 4), e o javali (N.º 6) encontra-se no seu alinhamento (Figs. 23 a 28). Também aqui parece que as duas estátuas foram dispostas desta maneira, por razões de espaço. Aparentemente haveria à disposição um espaço reduzido onde se pretendia depositar todo o material. Sendo assim, estamos perante um depósito intencional destes elementos, que foram, de facto, “sepultados” no local depois de previamente mutilados. Não temos qualquer indício sobre a época em que se teriam realizado estas acções (mutilação e ocultamento). Várias hipóteses podem ser consideradas, a construção da ermida de S. Miguel ou um momento anterior, nada indicando porém, que tal se tenha verificado em época romana.

### 3.4.2. Catálogo das esculturas

#### N.º 1. Cariátide (Figs. 23, 25 e 26)

**Altura:** 118 cm. Mármore branco de granulação média-fina.

Conserva-se desde o peito até aos pés, incluindo o plinto de 7 cm de altura. Faltam os braços e a cabeça. Superfície danificada sobretudo na zona do peito e da perna direita. Por cima da anca direita, uma cavidade redonda, destinada a inserir um perne para um *puntello*, que fixaria o braço direito. Na base do plinto, é visível uma cavidade rectangular para um taco, o que pressupõe a existência de uma base (Fig. 26). A superfície da estátua foi alisada, mas não polida.

A peça impressiona, pela sua forma compacta, sublinhada, além de mais, pela veste que envolve todo o corpo e, ao mesmo tempo, pela posição estática. A perna de apoio é a esquerda e a direita a de repouso. Esta avança, flectindo o joelho. Consequentemente, a anca esquerda encontra-se sobreelevada. A vestimenta é um *peplos* com o *kolpos* puxado, visível na zona da cintura pelo tufo de pregas que sai debaixo do *peplos*. Trata-se de um tecido espesso, que, no entanto, deixa perceber, pelos efeitos do pregueado, o movimento da figura dado pela posição dos pés. Como que a realçar a sua função, suportar o peso da arquitectura, há um predomínio de pregas verticais na perna de apoio e na área central inferior da figura.

A identificação como cariátide é evidente graças à semelhança da peça em apreço com as famosas estátuas gregas do *Erechtheion* na acrópole de Atenas. O braço direito deveria estar caído

ao longo do corpo, em conformidade com aquele modelo. Na Península Ibérica, este tipo escultórico é conhecido, sobretudo através dos exemplares de Mérida (Trillmich, 1990, p. 311-313). Ao contrário destes, que mantêm um aspecto de pilar de suporte, a peça de São Miguel da Mota está trabalhada completamente “*au rond*”, e oferece uma qualidade de execução superior. No entanto, o tamanho é sensivelmente idêntico, já que a altura das cariátides emeritenses até ao ombro é de 1,30 m, e a de São Miguel da Mota mede 1,18 m até ao peito. O achado da estátua implica a existência de um edifício notável na zona do Santuário de Endovélco.

#### N.º 2. Figura feminina vestida (Fig. 39)

**Altura:** 61 cm.

**Diâmetro:** 22 cm. Mármore branco de granulação média-fina.

Conservada desde os ombros até à parte inferior das pernas, por baixo dos joelhos, incluindo o braço esquerdo com a mão, segurando um objecto esférico. Pela superfície de fractura, deduz-se que o corpo e a cabeça formavam uma única peça. Do braço direito resta somente uma pequena parte, acima do cotovelo. De esse lado, sobre o rolo do manto, encontra-se uma cavidade para a introdução de um perne, com certeza para um *puntello*. A superfície da estátua foi alisada, mas não polida.

O tamanho é bastante menor que o natural. A perna esquerda é a de apoio, a direita a de repouso. A figura, em posição frontal, não é estática, como documenta o contorno exterior convexo da perna esquerda. Todo o corpo está envolto nos tecidos das vestes (túnica, estola e manto), que se cobrem e entrelaçam, como que desenvolvendo uma acção própria e independente do movimento da figura. Em consequência da flexão da perna direita, as pregas da vestimenta alongam-se. Particularmente interessante é o manto, o qual, colocado no ombro esquerdo e caindo pelas costas, se enrola à volta do corpo, sendo apanhado pela mão esquerda. Formalmente estes detalhes dão estabilidade à figura. O antebraço e a mão direita devem ser reconstituídos a alguma distância do corpo, como o sugere o perne situado acima do rolo do manto. Dado que a túnica é de manga curta, os braços aparecem descobertos. Na parte anterior, as pregas estão bem diferenciadas, oferecendo um jogo minúsculo de linhas na superfície do corpo e deixando entrever o relevo dos seios. À altura do pescoço, a túnica tem um decote em forma de V. Na parte posterior, o jogo das pregas é bastante menos acentuado. À frente predominam as pregas verticais, atrás as horizontais. Aqui, de um modo geral, o tratamento e a diferenciação da superfície são reduzidos, não deixando, porém, de haver representação dos volumes. Globalmente, a qualidade do trabalho é média-fraca.



Fig. 39 Estátua n.º 2, figura feminina vestida, perspectiva frontal.

### N.º 3. Portadora de oferendas (Figs. 40 a 42)

**Altura:** 79 cm, incluído a base do plinto, com as medidas 6,5 x 33 x 19 (altura x comprimento x largura). Mármore branco de granulação média-fina.

Conservada totalmente desde os ombros até aos pés, com a base e plinto, faltando a cabeça. O plinto é maciço, isto é, não tem qualquer cavidade, com as superfícies toscamente alisadas. Ligeiras escoriações no lado esquerdo, na zona da perna. A superfície da estátua foi alisada, mas não polida.

Uma primeira impressão poderia sugerir que a figura se encontra em movimento, como se estivesse a dar um passo. Mas, a posição marcada do joelho, quase espetado através das roupas, mostra claramente que não é o caso. A estátua assume posição frontal, segundo o padrão da perna direita de apoio e a esquerda de repouso, ligeiramente avançada (Fig. 40). O tema da oferente, neste caso uma pomba na mão direita, e um cacho de uvas na mão esquerda (Figs. 40 e 41), é conhecido em figuras femininas. Embora apareça também em relevos sepulcrais infantis de Mérida (Edmondson, Nogales Basarrate e Trillmich, 2001, p. ex. lám. 7), o motivo é tão frequente em representações femininas, que possibilita uma proposta de identificação plausível para a estátua, que, por lhe faltar a cabeça, não fornece outras indicações. As mãos envolvem completamente as oferendas, deixando o polegar um pouco afastado e erguido. Os braços e as mãos estão virados para o peito, contra o qual, as oferendas se apertam (Fig. 41). A personagem está vestida com duas peças de roupa. Uma espécie de camisa comprida, com um decote redondo, cobre o corpo até aos pés, e um manto envolve o corpo. Na parte superior, na zona do peito, o manto está fechado, dando lugar à formação de pregas em V (Fig. 41). Na parte inferior, o manto abre, descobrindo o aspecto solto e pouco diferenciado da camisa. Visto de frente, o manto aparece a envolver a figura, sobretudo na parte inferior, conferindo-lhe assim um aspecto de relevo. Este é salientado pela forma algo côncava com que se marcam as pernas, talvez com a intenção de produzir maior profundidade (Fig. 40). Tanto o manto como a camisa parecem ser feitos de tecidos pesados, pouco maleáveis. É interessante observar que a roupa deixa os antebraços descobertos, devido à posição erguida das mãos. Mas como as mangas são largas, escorregam um pouco para trás. Do ponto de vista formal, o artista enfrentou um problema na resolução da junção das mangas, que estão em posição oblíqua, com a superfície da camisa à altura da anca. Não conseguiu encontrar uma solução elegante, porque as mangas, no fundo grandes aberturas, não entrelaçam, mas chocam, con-



Fig. 40 Estátua n.º 3, portadora de oferendas, perspectiva frontal.

tra a superfície da camisa (Fig. 41). Calça meias ou sapatos de algum material maleável, que se adaptam à anatomia dos pés (Fig. 40). Nos ombros, o tecido da camisa está fixado por grandes botões, o da direita tem forma de roseta, o da esquerda está danificado, mas poderia ter decoração análoga. Por este botão corre uma cadeia feita de pequenos elementos ovais, com bordos realçados. A correia estende-se pelo corpo cruzando o peito (Figs. 40 e 41). Tanto pela parte de frente, como pela parte de trás da figura, a correia não é representada esticada, mas, sim, seguindo o seu próprio peso, ligeiramente curvada para baixo (Figs. 40 e 42). Deve tratar-se de um recurso iconográfico demonstrativo do valor atribuído a este adereço, o qual, sendo pesado, deveria ser feito de algum material valioso. Um elemento análogo pode observar-se em outra estátua encontrado em S. Miguel da Mota (CSIR Portugal, n.º 90; Matos, n.º 91).

Na parte de trás, o tratamento da superfície é mais sumário, chegando a ser até liso, com uma indicação quase esquemática das pregas, simplesmente incisas. Em baixo, a orla do manto é marcada por uma linha incisa ondulada, dando a impressão, uma vez mais, de se tratar de um tecido espesso. Na parte posterior, o plinto não é saliente, como sucede nos outros três lados, a figura deveria estar encostada a uma parede, ocultando em certa medida essa parte (Fig. 42). Embora a estátua seja particularmente interessante de um ponto de vista iconográfico e, por isso mesmo, mereça futuramente uma atenção mais detalhada, a qualidade de execução é média-fraca.



Fig. 41 Pormenor da estátua n.º 3, portadora de oferendas, perspectiva frontal.



Fig. 42 Estátua n.º 3, portadora de oferendas, perspectiva posterior.



Fig. 43 Estátua n.º 4, togado, perspectiva frontal.



Fig. 44 Estátua n.º 4, togado, perspectiva posterior.

#### N.º 4. Togado (Figs. 43 e 44)

**Altura:** 65 cm. Mármore branco de granulação média-fina.

Peça fracturada, conservando-se a parte superior, desde os ombros até aos joelhos. A cabeça, que falta, foi trabalhada à parte; pelo que a cavidade do pescoço foi preparada para a receber. O braço direito encontra-se partido abaixo do cotovelo, do esquerdo, falta o antebraço com a mão (Fig. 43). A superfície da estátua foi alisada, mas não polida.

Os restos conservados da figura mostram uma estátua masculina togada de tamanho natural. Trata-se de um tipo corrente apoiado sobre a perna esquerda, destacada pela forma como caem as pregas. A posição do corpo e das mãos é a usual. A mão direita agarra o tecido da toga sobre o peito, enquanto a esquerda avança (Fig. 43). Ainda se conserva o *puntello*, que a sustentava. Por baixo da toga, o homem veste uma túnica de manga curta, que deixa o braço direito descoberto. As pregas da túnica na zona do pescoço e por cima do peito são características do período flaviano (López López, 1998, p. 60, n.º 32, lám. XXX). Chama a atenção o tamanho desproporcionado da mão direita, com o polegar erguido (Fig. 43). Como nas outras estátuas, também a parte de trás não está elaborada com o mesmo detalhe que a da frente. Neste caso, a superfície posterior limita-se a indicações sumárias das pregas, tanto do *balteus* como do *sinus* (Fig. 44). As formas do corpo não se percebem por debaixo das vestes. Aliás, como toda a figura é de escassa profundidade, oferece uma perspectiva lateral pouco satisfatória, devendo, na sua colocação original, ser vista apenas de frente. Trata-se de um trabalho de qualidade média.

**N.º 5. Torso masculino com manto pelo ombro (“Schulterbauschtypus”) (Figs. 45 e 46)**

**Altura:** 49 cm; diâmetro de uma perna 9 cm. Mármore branco de granulação média-fina. Conserva-se desde os ombros até ao meio das coxas, faltando o braço direito e a cabeça, que foi trabalhada com o corpo numa peça só. Há pequenas escoriações na perna direita e na vara (Fig. 45). A superfície da estátua foi alisada, mas não polida.

A figura é de tamanho bastante menor que o natural. A perna direita é a de apoio, e a outra avança ligeiramente. Em virtude dessa posição, as linhas das ancas e dos ombros contra-põem-se. O braço esquerdo agarra uma vara, provavelmente uma lança. Chama a atenção o tamanho sobredimensionado da mão e dos dedos. O espaço entre esse braço e o corpo é preenchido pelo manto (*chlamys*), que cai pelas costas, estando apoiado em forma de tufo sobre o ombro esquerdo (“Schulterbauschtypus”) (Figs. 45 e 46). O braço direito estaria igualmente projectado para baixo, conforme indica a parte conservada junto ao ombro. Trata-se de um tipo comum na estatuária grega e romana, incluindo na Península Ibérica, onde está especialmente bem representado entre as peças achadas em Itálica — para a utilização deste tipo de modo geral e o seu significado, v. N. Himmelmann (1990, p. 114 ss); para as estátuas de Itálica, v. P. León (1995, p. 34 ss). O tratamento das superfícies do corpo masculino é de qualidade média-fraca, já que todos esses ínfimos detalhes que um torso nu oferece e constituem o principal atractivo para o escultor, bem evidentes nos exemplares de Itálica, são delineados de forma algo dura e pouco plástica. Por outro lado, dá-se um ênfase exagerado à forma protuberante do baixo-ventre (Fig. 45).



**Fig. 45** Estátua n.º 5, torso masculino com manto pelo ombro, perspectiva frontal.



**Fig. 46** Estátua n.º 5, torso masculino com manto pelo ombro, perspectiva posterior.

Trata-se, provavelmente, de representação da divindade, já conhecida em outros fragmentos recolhidos em S. Miguel da Mota, designadamente CSIR-Portugal n.ºs 89 e 91 e Matos n.ºs 92 e 93 e LIMC, que, com o presente exemplar adquirem uma nova leitura. De facto, esta parece ser a representação “canónica” de Endovélico que poderíamos apreciar também na perdida estátua que encimava o pedestal dedicado por M. Vibius Bassus e M. Vibius Avitus (IRCP: 535), onde subsiste o apoio da planta do pé direito e a ponta do esquerdo, como bem observou S. Lambrino (1951, p. 107). Este mesmo autor estabeleceu igualmente a mais aceitável interpretação para o impropriamente designado “baixo-relevo do hemiplégico” (Vasconcellos, 1905, p. 129; IRCP 523), propondo que se trataria da própria representação da divindade, ainda que em trabalho fruste, uma vez mais, com a perna direita apoiando o corpo e a esquerda avançando (Lambrino, 1951, p. 117-119). Sublinhe-se que tanto na gravura publicada por Leite de Vasconcellos (1905, p. 129) como na fotografia apresentada por Lambrino (1951, fig. 6), se pode apreciar a extremidade do manto, caindo pelas costas e terminando junto à coxa esquerda, embora hoje tal não seja perceptível, devido às mais recentes acções de limpeza e conservação da peça.

#### N.º 6. Javali (Figs. 47 a 51)

**Comprimento:** 52 cm. Mármore branco de granulação média-fina.

Conservado o corpo do focinho até à cauda. Faltam as quatro pernas, parte da face, especialmente o lado direito, e a parte traseira do mesmo lado (Figs. 47, 48 e 51). A superfície da estátua foi alisada, mas não polida.

Embora faltem, os restos das pernas permitem reconstituir a posição de marcha do animal (Figs. 48 e 51). Tanto pelo trabalho cuidado das superfícies e dos volumes da escultura, como pela exactidão e precisão com que estão executados os pormenores da crista (Figs. 47 e 49), trata-se de um trabalho de qualidade. Esta manifesta-se também na forma elaborada da espiral da cauda, assentando sobre a crista (Figs. 47 e 49). Ao longo do corpo e, sobretudo, por detrás da orelha direita, conservam-se ainda traços das ferramentas utilizadas (Fig. 50).

Pelos seus detalhes anatómicos, o animal pode identificar-se como um javali, contrariamente ao que sucede com a outra escultura zoomórfica encontrada em S. Miguel da Mota (CSIR-Portugal, n.º 112 e Matos, n.º 108), onde não é claro tratar-se de um porco doméstico ou de um javali. Ambos apresentam uma protuberância sob o ventre, cujo significado está por determinar, sendo provável que correspondesse a um suporte (Fig. 51).



Fig. 47 Estátua n.º 6, javali, perspectiva lateral direita.



Fig. 48 Estátua n.º 6, javali, perspectiva lateral esquerda.



Fig. 49 Estátua n.º 6, javali, perspectiva superior.



Fig. 50 Estátua n.º 6, javali, perspectiva superior, evidenciando as marcas de cinzel.



Fig. 51 Estátua n.º 6, javali, perspectiva inferior, observando-se o possível suporte.

#### 4. Conclusões

As principais conclusões da campanha de 2002 em S. Miguel da Mota, Alandroal, podem resumir-se em alguns tópicos.

Em primeiro lugar, e esta será uma das mais importantes conclusões, podemos afirmar que não parece existir uma sobreposição topográfica entre um antigo templo romano e a ermida de S. Miguel, ao contrário do que foi defendido por Gabriel Pereira (1889) e se encontrava, mais ou menos, implícito em muitos trabalhos que posteriormente se publicaram sobre o tema. O templo cristão foi construído de raiz, reutilizando materiais antigos, mas, ao que tudo indica, sem utilizar qualquer construção preexistente. Esta realidade terá sido percebida também por José Leite de Vasconcellos, pelo menos assim o parece demonstrar o profundo revolvimento que se verifica no subsolo da ermida e que se deverá atribuir à sua acção de 1890 e, talvez, dos anos subsequentes. Terá sido a busca das estruturas do Santuário que o conduziram de novo ao local em 1904 e 1907 e, provavelmente, o facto de as não ter encontrado explicará porque razão acabou por nunca publicar o estudo monográfico, tantas vezes anunciado.

A rudeza das alvenarias usadas na construção facto que fora já assinalado quer pelo Padre Espanca (1882), quer por Gabriel Pereira (1889) não permite também grandes conclusões sobre a época da sua construção. Certo é que não teria as ábsides que Manuel Real sugeriu, quando propôs, na esteira de Vergílio Correia, uma cronologia recuada dentro da época cristã para o edifício (Real, 1995, p. 45). Assim, permanece por esclarecer a cronologia da edificação da ermida de S. Miguel.

Entenda-se, porém, que a não existência de um templo sob a ermida não significa que não tenha existido uma qualquer utilização do local em época romana ou imediatamente posterior. De facto, a presença de materiais, sobretudo os mais tardios, que não parecem existir em outras zonas, e que já observara Vasconcellos (Vasconcellos, 1905, p. 122), a estratigrafia da sondagem **1C/1D** e mesmo outras realidades cuja cronologia não pôde ser determinada, como a estrutura [UE 43] da **sondagem 1A**, os grandes blocos de gneiss identificados nas **sondagens 1B e 2C**, e as *sepulturas n.ºs 1, 2 e 3*, sugerem que a parte superior da crista onde se ergueu a ermida de S. Miguel tem ainda questões por esclarecer.

Claro ficou também que a área onde se concentram os materiais de época romana é a encosta Nascente da longa crista. Aí se deverá localizar o Santuário romano ou, no mínimo, as principais estruturas com ele relacionadas. Não deixa de ser importante verificar a nítida diferença cronológica entre a(s) ocupação(ões) dessa área e a(s) documentadas no topo. Enquanto que na encosta encontramos sobretudo artefactos datáveis dos séculos I-II d.C., eventualmente, inícios do III, no topo, há elementos que remetem para épocas mais avançadas, do IV, do V ou mesmo posteriores. Por todo o lado, falta qualquer evidência de uma ocupação pré-romana ou mesmo da época da conquista do território: não há materiais da Idade do Ferro, nem sequer romanos de época republicana, ainda que a cronologia de algumas das ânforas originárias da Bética, encontradas nas prospecções, permitam eventualmente recuar a ocupação até ao principado de Augusto. Estas indicações, sustentadas pela coerência cronológica dos espólios recolhidos, parece-nos interessante. Desde logo, por parecer afastar qualquer possibilidade de efectiva continuidade entre um culto pré-romano e as práticas de época romana. Reconhecemos que estamos a lidar, sobretudo, com argumentos de ausência que, em arqueologia, valem o que valem, mas, nada poder ser associado a populações indígenas, bem como o facto de ali faltarem outros materiais arqueológicos, relacionáveis com o processo da conquista romana, tão abundantes em outros sítios desta região, parecem-nos evidências gritantes.

Pelas razões expostas, nada se pôde apurar sobre a aparência que poderia ter tido o Santuário. Mas, a existência de silharia de granito, à superfície no serro de S. Miguel ou reaproveitada nas construções modernas que ainda hoje ali se podem ver, bem como a cariátide recolhida na presente campanha de trabalho, demonstram que teria havido construções de alguma importância, que dificilmente terão sido integralmente desmanteladas, mesmo admitindo diversas reocupações daquele espaço, pelo que se mantêm as esperanças de vir a encontrar vestígios dos antigos espaços culturais da época romana.

A escavação de 2002 permitiu identificar um estrato de entulhos [UE 1], em praticamente toda a área sondada. Este, pode associar-se sem grandes dúvidas à acção de desmantelamento da ermida, realizada por Leite de Vasconcellos, em 1890. Verifica-se, contudo, que este estrato é relativamente pobre em elementos pétreos, bem como em componentes indicadoras da existência de uma construção que tivesse utilizado a terra (taipa ou adobes). Em suma, não encontramos material que permitisse reconstituir o edifício, pelo que supomos ter sido reutilizada na construção dos estábulos, currais e outros edifícios agrícolas do local, boa parte dos elementos pétreos que não foram transportados para Lisboa. Permanece, pois, em aberto, a possibilidade de ainda existirem reaproveitados nas paredes das construções do serro da Mota materiais relevantes do antigo espaço cultural romano ainda não identificados.

Como se referiu, os principais objectivos desta primeira campanha de trabalho realizada em S. Miguel da Mota consistiam em efectuar um diagnóstico do potencial deste sítio arqueológico, com vista à elaboração de um efectivo projecto de investigação. Assim, o que se pretendia era sobretudo saber de que forma e em que moldes deveria ser conduzido o futuro estudo do Santuário de Endovélico. Estamos convencidos de ter obtido as informações de que carecíamos para a elaboração de um projecto de investigação plurianual e igualmente convictos de que será possível obter informação suficiente para uma contextualização arqueológica do culto da divindade.

## 5. Resultados das prospecções geofísicas

Os trabalhos que realizámos durante o mês de Outubro de 2002 e que consistiram na prospecção sistemática da crista sobre a qual se erguia a ermida de S. Miguel da Mota e sondagens na zona onde se encontrava esta construção revelaram alguns aspectos novos sobre o sítio arqueológico. Pareceu-nos evidente que a realização de prospecções geofísicas constituiria o corolário lógico destas acções de caracterização preliminar.

Os trabalhos decorreram entre os dias 15 a 19 de Fevereiro de 2003 e contaram com a presença de uma equipa de prospecção geofísica, da Eastern Atlas, de Berlim, empresa especializada neste tipo de levantamentos.

Antes de mais procedeu-se a uma limpeza do terreno, nomeadamente na zona entre o topo da crista onde se encontrava a ermida de São Miguel (e onde realizámos as sondagens) e a zona A, transecto A1, da zona das prospecções (v. *supra*). Na realidade, esta área não tinha sido incluída nas acções de prospecção de outubro passado, devido à densa vegetação arbustiva que a cobria, exigindo assim um trabalho de limpeza extenso para o qual não havia, naquele momento, nem tempo nem meios.

Uma vez limpa a área e cortados os arbustos e giestas, foi possível observar que as discontinuidades topográficas reconhecíveis nessa encosta — já anteriormente observadas, também por outros (Vasconcellos, 1905, p. 125; Calado, 1993, p. 61) — desenhavam um sistema arquitectónico coerente, de feição ortogonal (Figs. 52-54), cujo princípio básico consiste na sobreposição de plataformas (Figs. 52-56), ligadas entre si por rampas (Fig. 55), dispostas de forma simétrica,



Fig. 52 Aspecto da vertente este, na parte superior.



Fig. 53 Aspecto da vertente este, vendo-se as diferentes plataformas e as rampas simétricas.



Fig. 54 Aspecto da vertente este, vendo-se as diferentes plataformas e as rampas simétricas.



Fig. 55 Aspecto da vertente este, vendo-se o encontro de uma das rampas com uma das plataformas.



Fig. 56 Aspecto da vertente este, onde se pode apreciar a dimensão dos taludes.

de molde a salientar um eixo central, que, por sua vez, estabelece uma perfeita simetria para todo o complexo (Figs. 53 e 54). Trata-se, efectivamente, de um *Santuário de Terraços*, um modelo arquitectónico bem conhecido na Itália Central, em época republicana, que, curiosamente, conheceu uma longa pervivência na história da arquitectura, não só em época romana, mas também em épocas posteriores. Esta designação (*santuário de terraços*), ainda não consagrada na nomenclatura arqueológica portuguesa, estabeleceu-se com base nas outras línguas latinas, nomeadamente o italiano (Coarelli, 1987), o francês (Gros, 1996, p. 134-136) e o espanhol (Schattner, 2003), onde este tipo de estrutura é designado com uma expressão correspondente.

No monte de São Miguel da Mota distinguem-se neste momento, na superfície do terreno, duas plataformas, uma inferior e outra superior. As rampas que permitiam a comunicação entre ambas, partem dos extremos desta última, para a plataforma inferior, em disposição oblíqua na encosta e de um modo convergente (Figs. 53 e 54).

Os elementos disponíveis até ao momento, designadamente os fragmentos de cerâmica encontrados nas prospecções de superfície (*v. supra*), apontam uma cronologia dos séculos I e II d.C. para a edificação e utilização do complexo. Assim sendo, trata-se de uma datação posterior à dos congéneres da Península Itálica, o que é perfeitamente compreensível, uma vez que se trata da adopção em território conquistado de um modelo forâneo. Os outros três santuários deste tipo, localizados fora da Península Itálica, ou seja, nas províncias do Império — dois na Gália (Gros, 1996, p. 134-136) e um na Bética (Schattner, 2003) — apresentam idêntica cronologia tardia. Não deixa de ser curioso notar que também os exemplos na Gália constituem descobertas recentes, que se vieram acrescentar ao santuário bético de Munigua, situado na província de Sevilha, conhecido há cerca de 50 anos. O santuário de terraços, consagrado a Endovéllico e erguido em S. Miguel da Mota, constitui assim o segundo exemplo deste modelo arquitectónico registado na Península Ibérica.



Fig. 57 Cartografia da vertente este resultante das prospeções geomagnéticas.

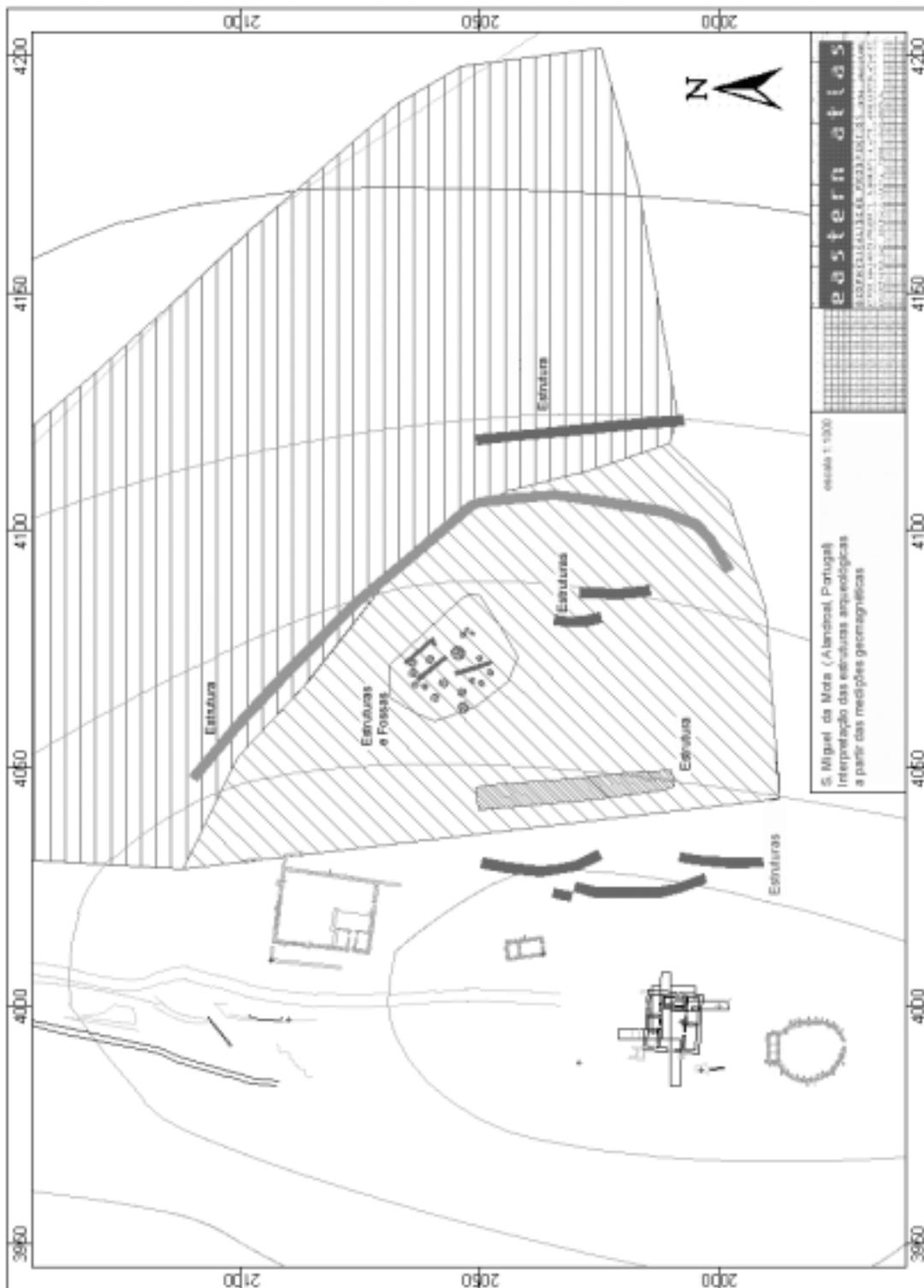


Fig. 58 Interpretação das ocorrências observadas pelas prospeções geomagnéticas.

As prospecções geofísicas vieram confirmar a existência de diversas anomalias, provavelmente estruturas, exactamente nas zonas onde se esperaria encontrar as paredes que delimitam e suportam as plataformas (Figs. 57 e 58). De forma muito clara observa-se a simetria referida, na disposição das estruturas de retenção das rampas articuladas com a parede de retenção da plataforma inferior — esta situação pode comparar-se com a imagem da Fig. 58, uma interpretação das anomalias detectadas no registo geofísico (Fig. 57). As larguras dessas paredes fornecidas pela geofísica, cerca de 60 cm, coincidem com as das estruturas análogas conhecidas do Santuário de Munigua.

As prospecções geofísicas documentaram ainda a existência de uma área com construções de menor porte e fossas na zona norte da plataforma inferior, sobretudo bem visíveis na Fig. 58, que interpreta os registos obtidos.

Já os trabalhos realizados na parte superior da crista, a norte da área onde se erguia a ermida, se revelaram inconclusivos. Achámos importante realizá-los tendo em conta as observações feitas no decurso das sondagens (v. *supra*), mas estávamos conscientes de que a diminuta potência sedimentar constituiria um poderoso factor limitativo. Pensamos, pois, que somente pelo recurso a novas sondagens convencionais se poderão esclarecer a natureza e cronologia desta ocupação tardia, documentada na área onde se encontrava a ermida de S. Miguel.

As operações de limpeza do terreno e prospecção geofísica corresponderam plenamente às expectativas que nelas depositámos. De facto, pretendia-se esclarecer a natureza das ocupações da encosta e tal objectivo foi plenamente alcançado. Por outro lado, continuávamos a tentar localizar o santuário romano (afinal, a tarefa principal a que nos propuséramos) pelo que, o mínimo que haverá a dizer é que os resultados se revelaram surpreendentes.

Contrariamente ao que era esperado, o santuário não se localiza no topo da crista, onde mais tarde se construiu a ermida de S. Miguel da Mota, mas na encosta voltada a nascente. Não corresponde a uma estrutura fruste, como o carácter indígena da divindade cultuada faria supor, mas antes a um complexo monumental, de modelo plenamente romano e perfeitamente clássico. A dimensão das descontinuidades topográficas (Figs. 52, 55 e 56), aliada ao facto de não existirem muitas construções recentes na área, leva-nos a pensar que o complexo se encontrará bem conservado, o que tem enormes implicações, tanto no desenho do projecto de investigação que desejamos apresentar, como na dimensão patrimonial do sítio.

Chegados a este ponto, é interessante reflectir sobre os erros de avaliação que sempre foram cometidos quando se tratou do sítio de S. Miguel da Mota, incluindo os signatários. Em primeiro lugar, sempre se admitiu que deveríamos estar perante uma estrutura fruste, por ser um santuário consagrado a uma divindade indígena, quando toda a evidência escultórica e epigráfica nos falava de um santuário romano e sugeria mesmo alguma monumentalidade. Em segundo lugar, sempre se tomou como certa a localização da estrutura (um templo ou vários) no topo da crista, no local onde se ergueu mais tarde a ermida de S. Miguel, pelo que os vestígios de utilizações antigas da encosta nascente foram considerados como pertencentes a um amuralhado indígena, pesando na apreciação, uma vez mais, o carácter da divindade (Vasconcellos, 1905, p. 125), ou estruturas anexas ao santuário, quando afinal, ao que tudo indica, se trata do **santuário propriamente dito**.

Assim, o projecto de investigação que idealizámos para S. Miguel da Mota terá necessariamente de conhecer uma dimensão e dispor de meios muito superiores ao que supúnhamos à partida. Impõe-se, também, a reabertura do processo de classificação do local, uma vez que os novos dados implicam toda uma reavaliação da área classificada e respectiva envolvente. Outras questões, como a aquisição do terreno pelo Estado e o eventual desenvolvimento de um projecto de criação de um centro interpretativo (já equacionado pela Câmara Municipal do Alandroal) adquirem agora um novo sentido e pertinência.

## NOTAS

\* UNIARQ / Centro de Arqueologia  
Departamento de História  
Faculdade de Letras  
Universidade de Lisboa  
Alameda da Universidade  
1600-214 Lisboa  
amilcarguerra@mail.doc.fl.ul.pt

\*\*\* UNIARQ / Centro de Arqueologia  
Departamento de História  
Faculdade de Letras  
Universidade de Lisboa  
Alameda da Universidade  
1600-214 Lisboa  
cfabiao@mail.doc.fl.ul.pt

\*\* Instituto Arqueológico Alemão  
Calle Serrano, 159  
E-28002 Madrid  
schattner@madrid.dainst.org

## REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1990) - *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*. Paris: Diff. E. de Boccard.
- ALARCÃO, J.; TAVARES, A. (1989) - A Roman marble quarry in Portugal. In CURTIS, R. I., ed. - *Stvdia Pompeiana & Classica in honour of Wilhemina F. Jashlensky. Vol II Classica*. New York: Aristide Cantzas, p. 1-12.
- ALMEIDA, D. F. (1962) - Arte visigótica em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Nova Série. Lisboa. 4, p. 5-278.
- Atlante I* = (1981) - *Atlante delle forme ceramiche I. Ceramica fine romana nel bacino mediterraneo (medio e tardo impero)*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.
- CALADO, M. (1993) - *Carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- COARELLI, F. (1987) - *I santuari del Lazio in età repubblicana*. Roma: La Nuova Italia Scientifica.
- CORREIA, V. (1928) - *Arte visigótica*. In PERES, D., ed. - *História de Portugal*. Vol. I. Barcelos: Portucalense Editora, p. 365-388.
- CSIR-Portugal = SOUZA, V. de (1990) - *Corpus Signorum Imperii Romani, Portugal*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.
- DANGRÉAUX, B.; DESBAT, A. (1988) - Les amphores du dépotoir du Bas-de-Loyasse à Lyon. *Gallia*. Paris. 45, p. 115-151.
- EDMONDSON, J.; NOGALES BASARRATE, T.; TRILLMICH, W. (2001) - *Imagen y memoria. Monumentos funerarios con retratos en la Colonia Augusta Emerita*. Madrid: Real Academia de la Historia; Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Monografías Emeritenses; 6).
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) - *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (= IRCP).
- ESPANCA, Padre J. J. R. (1882) - O Deus Endovellico dos Celtas (sic) do Alentejo. *Memoria Historica. Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 3ª série. n.ºs 4-5, p. 253-256 e 274-296.
- GONÇALVES, A.; CARVALHO, P. C. (2002) - Intervenção arqueológica no Castelo da Lousa (1997-2002): resultados preliminares. *Al-madan*. Almada. II série. 11, p. 181-188.
- GROS, P. (1996) - *L'architecture romaine: Du début du III<sup>e</sup> siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire. Les monuments publics*. Paris: Picard.
- HIMMELMANN, N. (1990) - *Ideale Nacktheit in der griechischen Kunst* (26. Ergänzungsheft, Jahrbuch des Deutschen Archäologischen Instituts). Berlin: Walter de Gruyter.
- LAMBRINO, S. (1951) - Le Dieu Lusitanien Endovellicus. *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*. Lisboa. Nouvelle série. 15, p. 93-147.
- LEÓN, P. (1995) - *Esculturas de Itálica*. Sevilla: Junta de Andalucía.
- LIMC = LEGLAY, M. (1986) - *Endovellicus*. In *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae. Vol III*. Zürich - München: Artemis, p. 725 e ss.
- LÓPEZ LÓPEZ, I. M. (1998) - *Estatuas masculinas togadas y estatuas femeninas vestidas de colecciones cordobesas*. Córdoba: Universidad.
- MATOS, J. L. (1995) - *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de escultura romana*. Lisboa: SEC.
- MAYET, F. (1984) - *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire romain*. Paris: De Boccard.
- MAYET, F.; SCHMITT, A. (1997) - Les amphores de São Cucufate (Beja). In: ÉTIENNE, R.; MAYET, F., eds. - *Itinéraires lusitaniens. Trente années de collaboration archéologique luso-française*. Paris: De Boccard, p. 71-109.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: De Boccard.

- MAYET, F.; SILVA, C. T.; COSTA, J.; MAKAROUN, Y. (2002) - *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- PEREIRA, G. (1889) - O Santuário de Endovelico. *Revista Archeologia. Estudos e notas*. Lisboa. 3, p. 145-149.
- REAL, M. L. (1995) - Inovações e resistência: dados recentes sobre a Antiguidade Cristã no ocidente peninsular. In *IV Reunião d'Arqueologia Cristã Hispânica/IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica (Lisboa, 1992)*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans / Universitat de Barcelona; Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, p. 17-68.
- RIBEIRO, J. C. (2002), ed. - *Religiões da Lusitânia. Loquuntur saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- SCHATTNER, T. (2003) - *Munigua. Cuarenta años de investigaciones*. Sevilla: Junta de Andalucía.
- SEALEY, P. R.; TYERS, P. A. (1989) - Olives from Roman Spain: a unique amphora find in British waters. *The Antiquarian Journal*. London. 69:1, p. 53-72.
- SILVA, C. T. (1996) - Produção de ânforas na área urbana de Setúbal: a oficina romana do Largo da Misericórdia. In: FILIPE, G.; RAPOSO, J. M. C., eds. - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: C.M. Seixal-Dom Quixote, p. 44-54.
- VASCONCELLOS, J. L. [1890] (1938) - O Deus Lusitano Endovelico I Notícia sucinta. *Dia*, reproduzida in: *Opúsculos*, V. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 197-206.
- VASCONCELLOS, J. L. (1905) - *Religiões da Lusitânia, na parte que principalmente se refere a Portugal*. II. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, J. L. (1913) - *Religiões da Lusitânia, na parte que principalmente se refere a Portugal*. III. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, J. L. (1915) - *Historia do Museu Etnologico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, J. L. (1916) - Entre Tejo e Odiana. *O Archeologo Português*. Lisboa. 21, p. 152-195.

